



## DOS POVOS ORIGINÁRIOS À CONSTRUÇÃO DA NAÇÃO DE TODOS

Silvio Tandler  
José Carlos Sebe Bom Meihy  
Ruth Freihof  
Natalia Sá Cavalcanti  
Juliana Fervo  
Wira Tini  
Carlos Lopes  
Renan Henrique Carvalho  
Sama  
Pedro Poscidônio

REALIZAÇÃO

**CALIBAN**  
PRODUÇÕES CINEMATOGRAFICAS

#cultura  
#presente

PATROCÍNIO

Secretaria de  
Cultura e Economia  
Criativa

 GOVERNO DO ESTADO  
RIO DE JANEIRO







# BEM-VINDOS

Gosto de desafios. De buscar estéticas, linguagens e tecnologias, sem viver eternamente no conforto daquilo que já conheço. Me lanço agora em uma nova forma de expressão que empurra as fronteiras da linguagem: um e-book que, em breve, será a base de um webdoc, um documentário interativo.

Convido o leitor/espectador a percorrer a história do Brasil em uma viagem de trem imaginária com 13 estações independentes, que podem ser visitadas em qualquer ordem, sem a linearidade obrigatória do cinema tradicional.

Impossível compreender a História recortando apenas uma parte dela, por isso, expandimos a temporalidade convencional. No lugar de um mergulho, um voo rasante a partir da proposta de refletir sobre os 200 anos da Independência concebida pelo edital Retomada Cultural RJ 2, da Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Rio de Janeiro. Recuamos até a Pangeia e chegamos aos dias de hoje.

Expandimos também as representações imagéticas da nossa História. Como uma indígena contemporânea ilustraria a chegada dos portugueses no Brasil? Os povos originários estariam pacificamente assistindo à primeira missa?

Pela janela do trem, vemos a iconografia clássica e obras produzidas especialmente para o projeto. Os artistas Carlos Lopes, Juliana Fervo, Natalia Sá Cavalcanti, Renan Henrique Carvalho, Sama, Pedro Poscidônio e Wira Tini, cada um com sua estética e trajetória, desenharam um Brasil nada modorrento.

Como curador e historiador, trouxe do cinema a experiência na construção de sentido a partir de imagens e palavras. Convidei o professor titular aposentado José Carlos Sebe Bom Meihy, da Universidade de São Paulo, profundo conhecedor da História do Brasil, para escrever os textos do livro e selecionar parte da iconografia clássica que vemos ao longo das estações.

A designer Ruth Freihof ficou responsável por dar unidade visual ao projeto. Ana Rosa Tandler, Lilia Souza Diniz, Diego Tavares e Igor Andrade Pontes, da equipe da Caliban, embarcaram conosco nesta aventura coletiva, fruto de diversos olhares e vivências.

Abri este texto explicando que este e-book está ligado ao meu primeiro webdoc, que só será possível graças a um time de instituições e pessoas que embarcaram comigo neste projeto, aos quais agradeço imensamente:

Sady Bianchin, Celso Pansera, ICTIM, Claudio Gimenez, Cid Teixeira, Secretaria de Cultura de Maricá, Comitê de Cinema de Maricá, Marcela Giannini, Maria Geralda, FAPERJ, Jerson Lima da Silva e Allen Habert em nome do "Brasil 2022".

Boa viagem!

*Silvio Tandler, cineasta e curador*



**BEM-VINDOS ...3**  
**EMBARQUE ...5**  
**PANGEIA ...7**  
**COLONIZAÇÃO ...10**  
**1808 ...21**  
**EMANCIPAÇÃO ...28**  
**BARBÁRIE ...40**  
**DIVERSIDADE ...45**  
**O IMPÉRIO TRAÍDO ...51**  
**1922 ...59**  
**VARGAS NO PLURAL ...69**  
**JUSCELINO, JÂNIO E JANGO ...76**  
**DITADURA ...81**  
**UTOPIAS BRASILEIRAS ...85**  
**DESEMBARQUE ...89**  
**ALÉM DO OFICIAL ...91**





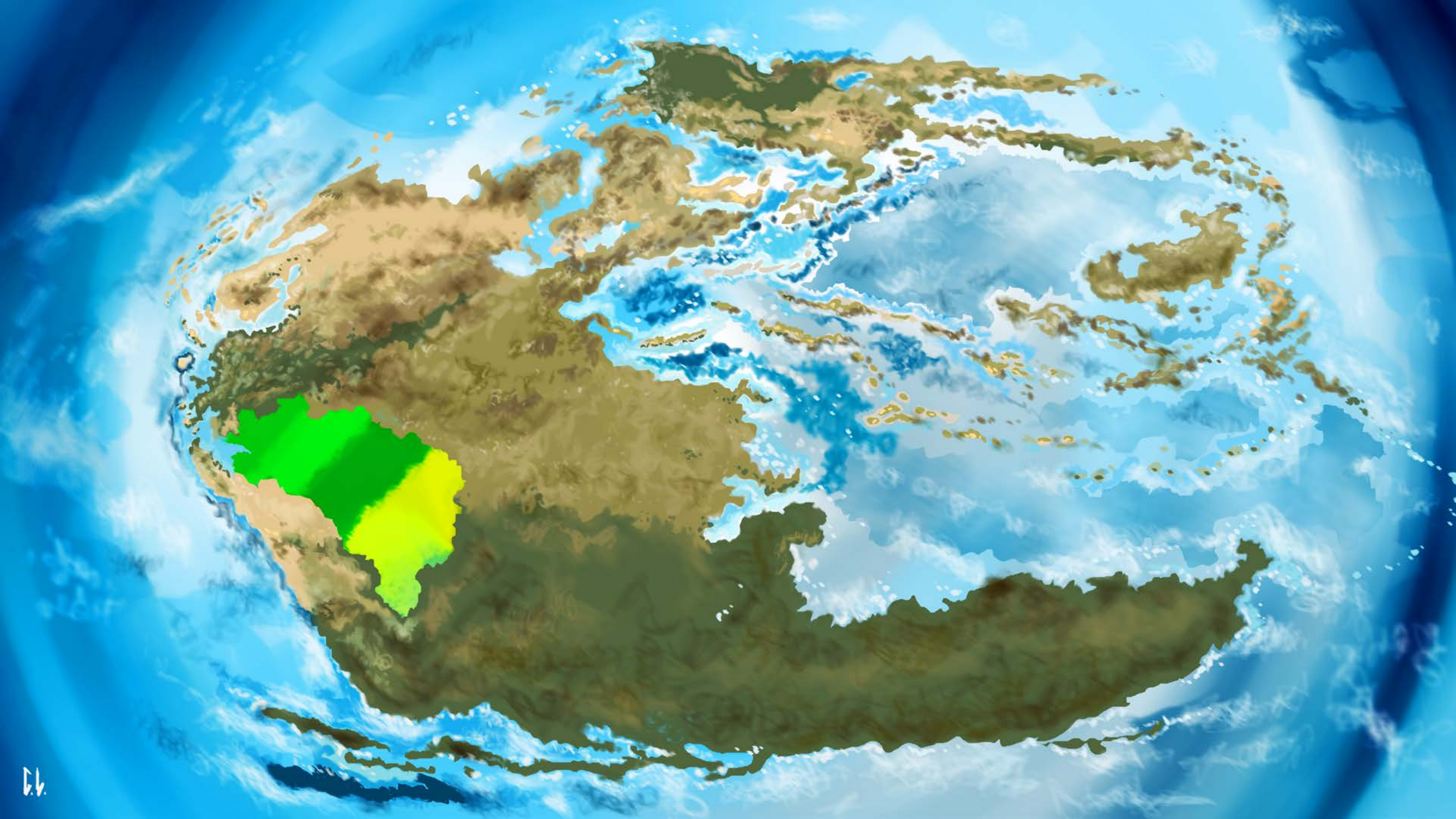
# EMBARQUE

## O trem da história

É desafiador articular o passado pensando o presente, mas vale a pena. Num giro rápido, vamos visitar a experiência brasileira em 13 estações que buscam explicar nosso passado a partir de um ponto de vista original. Tomando como ponto de partida a tradição histórica, o percurso da viagem busca criticar as explicações oficiais e mostrar as mudanças que resultam numa visão díspar e capaz de evidenciar a originalidade brasileira como cultura miscigenada e diversa. Três momentos especiais mereceram destaques: o encontro de culturas, a Independência do Brasil e a celebração da Semana de Arte Moderna. Tendo o presente como ponto de chegada, a visita ao passado é considerada a partir do abraço da nossa história e com apropriações de lances de diferentes segmentos.

*José Carlos Sebe Bom Meihy, historiador*









# PANGEIA

Há mais de 320 milhões de anos, nosso Planeta era constituído por uma única massa de terra cercada por um oceano. Abalos das placas tectônicas causaram movimentos que deram origem aos seis continentes existentes. Esse fenômeno chamou-se Pangeia e provocou dúvidas sobre a origem dos seres humanos. Teriam surgido na África e de lá saído para povoar o resto do mundo? Teriam se originado ao mesmo tempo em diferentes lugares da Terra? E a América como teria sido povoada? São duas as explicações: a "Teoria transoceânica" que diz das navegações de habitantes da Polinésia há cerca de 10 mil anos e a "Migracionista" que se remete à travessia de povos pelo extremo norte continental, ainda na Era glacial. A complicar tudo, o "crânio de Luzia", encontrado em Minas Gerais na década de 1970, mostra diferenças entre os restos dos povos originários da América e aponta para a potencialidade das duas teorias.

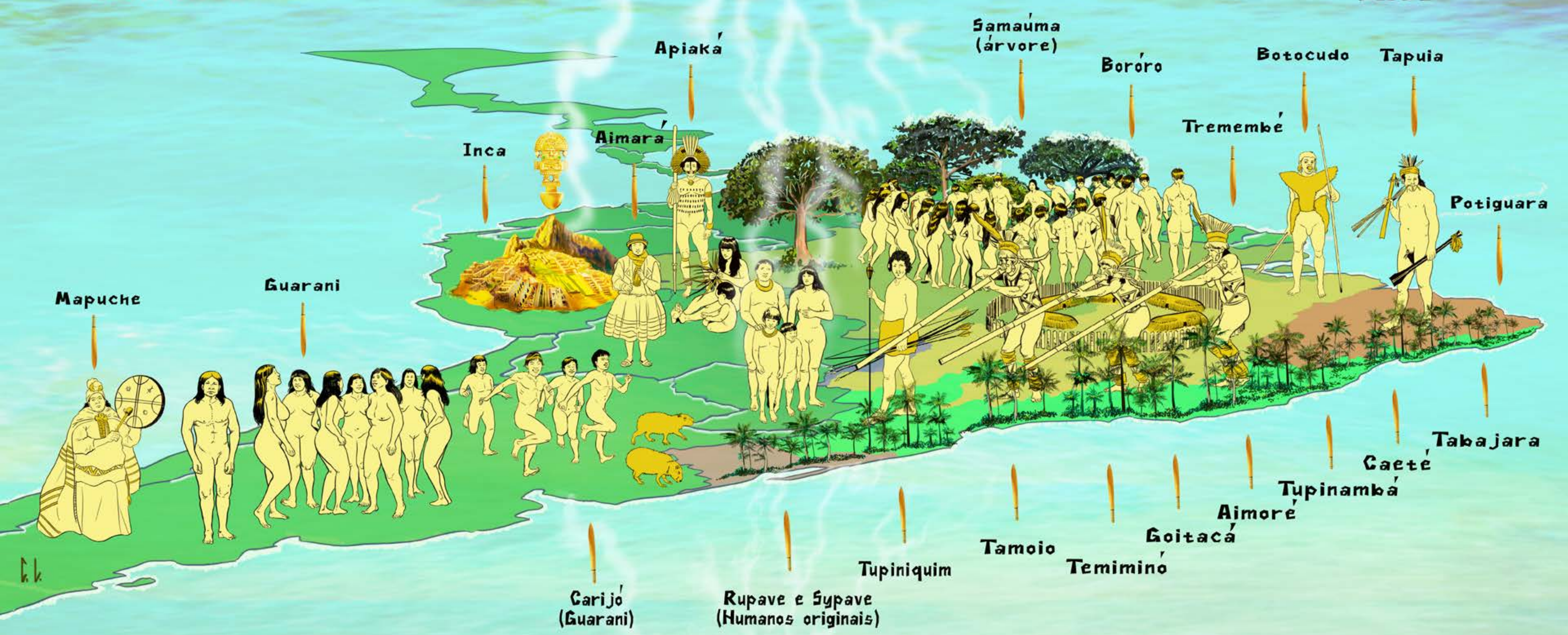




# TUPÃ

GUARACI

JACI



Mapuche

Guarani

Inca

Aimara

Apiaká

Samaúma (árvore)

Boróro

Botocudo

Tapuia

Tremembé

Potiguara

Tabajara

Gaeté

Tupinambá

Aimore

Goitacá

Temiminó

Tamoio

Tupiniquim

Rupave e Sypave (Humanos originais)

Carijó (Guarani)

k.k.





## O Brasil antes de Cabral

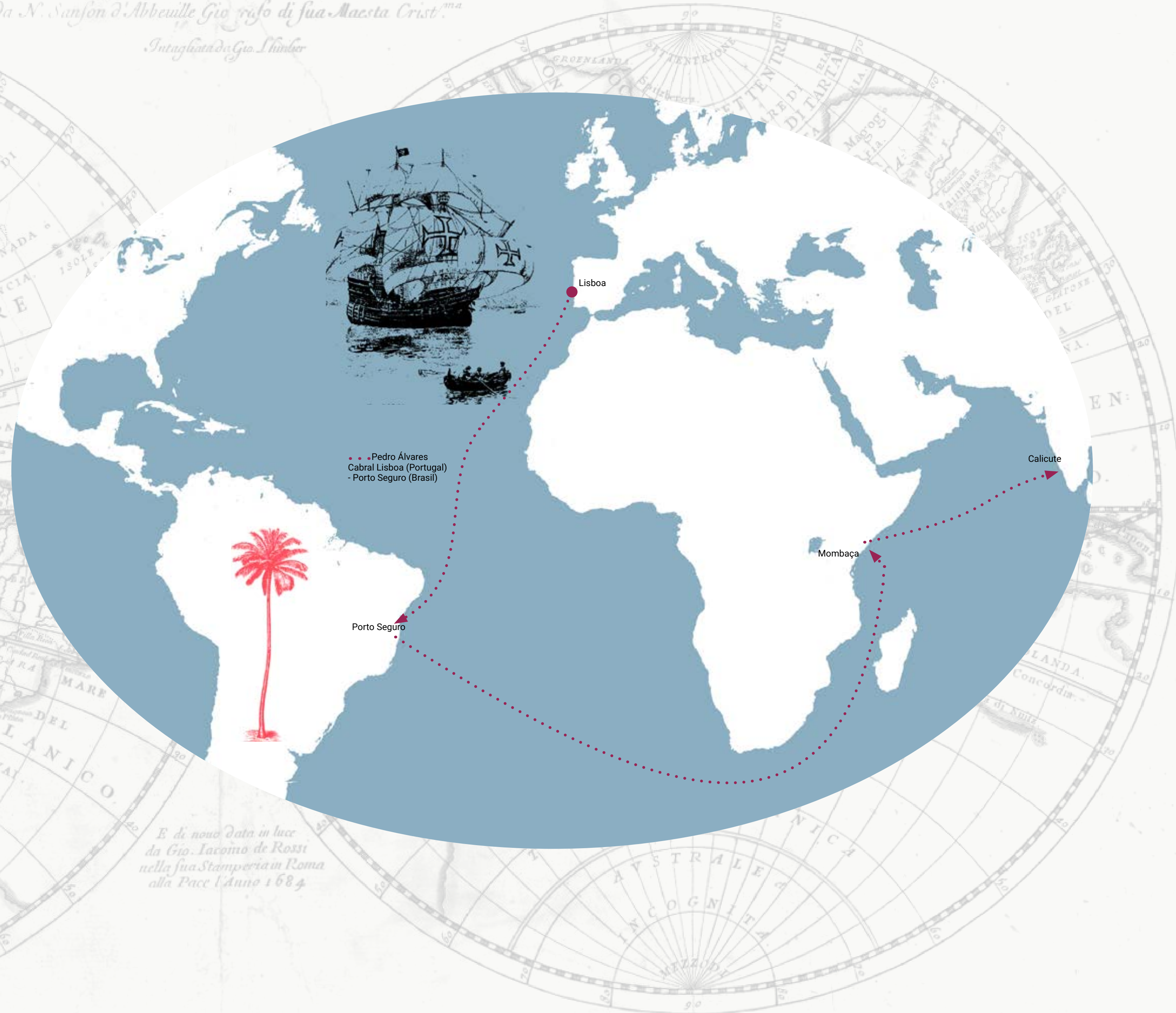
Como parte do continente americano, o Brasil foi povoado por grupos indígenas hoje reconhecidos como povos originários. Os números variam entre 3 e 5 milhões de habitantes, ainda que alguns falem em mais. A extensa faixa de terra alongada pelo sul do Oceano Atlântico abrigava a mais exuberante floresta da Terra, além de seis biomas de características distintas: Amazônia, Caatinga, Cerrado, Pantanal, Mata Atlântica e Pampa. Um dos pontos mais importantes de nossa presença no mundo contemporâneo remete à manutenção responsável da natureza e à sobrevivência dos povos indígenas. Uma das marcas mais expressivas do Brasil no mundo é a existência desses grupos que têm resistido a todo tipo de agressão. Segundo o Censo 2010, temos cerca de 897 mil indígenas, distribuídos por 305 etnias que falam 274 línguas.



# COLONIZAÇÃO

## Contato, encontro, desencontro de culturas

É possível que antes de Cabral alguns grupos tivessem chegado em nossas terras (fenícios, vikings, espanhóis), contudo foram os portugueses que exploraram a terra, garantida por Bula Papal de 1494. A busca de riquezas e alimentos impôs o processo colonizador garantido pelo povoamento seguido exploração econômica, condição para manter a posse da terra sob o domínio metropolitano. O processo de submissão dos indígenas e a escravização de negros vindos da África são marcas da estrutura colonial com desdobramentos projetados até o presente. A superação do legado colonial e as estratégias de sobrevivência têm caracterizado a busca de nossa identidade cultural.





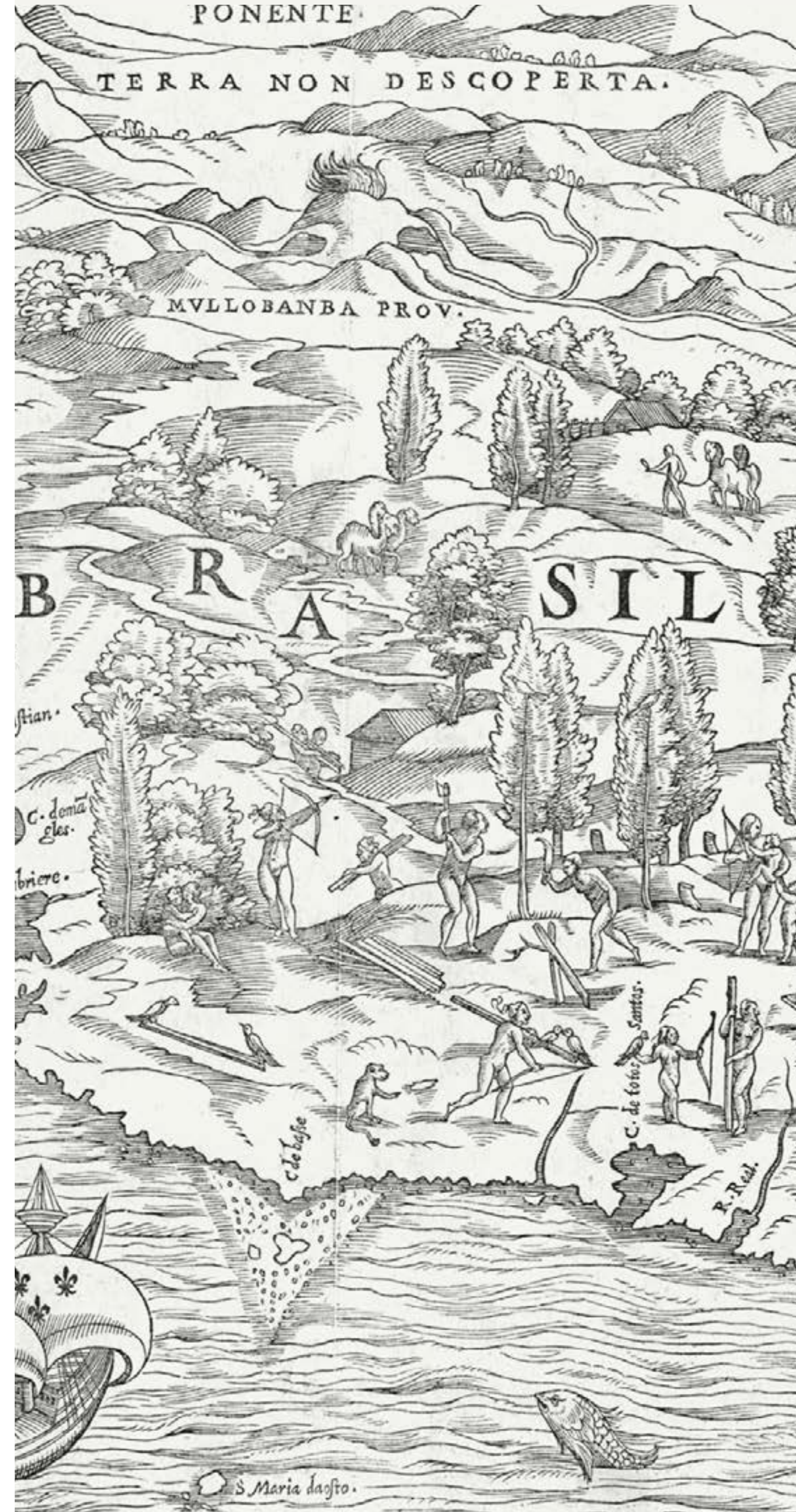




# Mitos fundadores

## A esquadra

Pela percepção europeia, houve um tempo em que se dizia que o Brasil foi “descoberto” pela frota de Cabral, que teria desviado do “caminho das Índias” e assim, por acaso, chegado a uma “Terra Nova”. Várias manifestações da História da América Ibérica, cristã católica, valorizam o chamado “Ato fundador”. A prática de pintar primeiras missas em terras conquistadas atesta a intenção de controle dos Impérios europeus. Com a cristianização como justificativa, a colonização se legitimou como registro de “atos civilizatórios” que submetiam grupos sempre mostrados em condição submissa.





## A Cruz como símbolo

Um dos marcos mais importantes da iconografia brasileira é a tela “A Primeira Missa no Brasil”, de Victor Meirelles. Pintada na Europa em 1861, essa obra ganhou prestígio no período Imperial brasileiro como atestado do sucesso missionário português. Baseado na Carta de Caminha, o mito do Paraíso na Terra foi representado teatralmente, dando inclusive a impressão de pactos entre os indígenas e os conquistadores.





## Antes e depois de Meirelles

Dezesseis anos antes da primeira missa de Meirelles, Johann Moritz Rugendas havia proposto o desenho de uma “Primeira Missa em São Vicente”. Entre as inúmeras retomadas da obra de Meirelles, a mais prestigiada é, sem dúvida, a de Candido Portinari. Em 1948, Portinari voltou ao tema para decorar a sede do Banco Boavista. É notável na releitura de Portinari a presença de fiéis vestidos, tendo inclusive em segundo plano miseráveis que se compõem com outras referências, como grupos armados e frades capuchinhos.





### Duas árvores símbolos

A palmeira é motivo comum nas representações de pintura em toda a América, fato que se repete com insistência no Brasil. Outra árvore que serve de referência indígena sagrada é a Samaúma, espécie nativa da região do Rio Tapajós, na Amazônia. Ambas remetem à natureza e servem de motivo para retomadas analíticas sobre a relação humana e o meio ambiente.

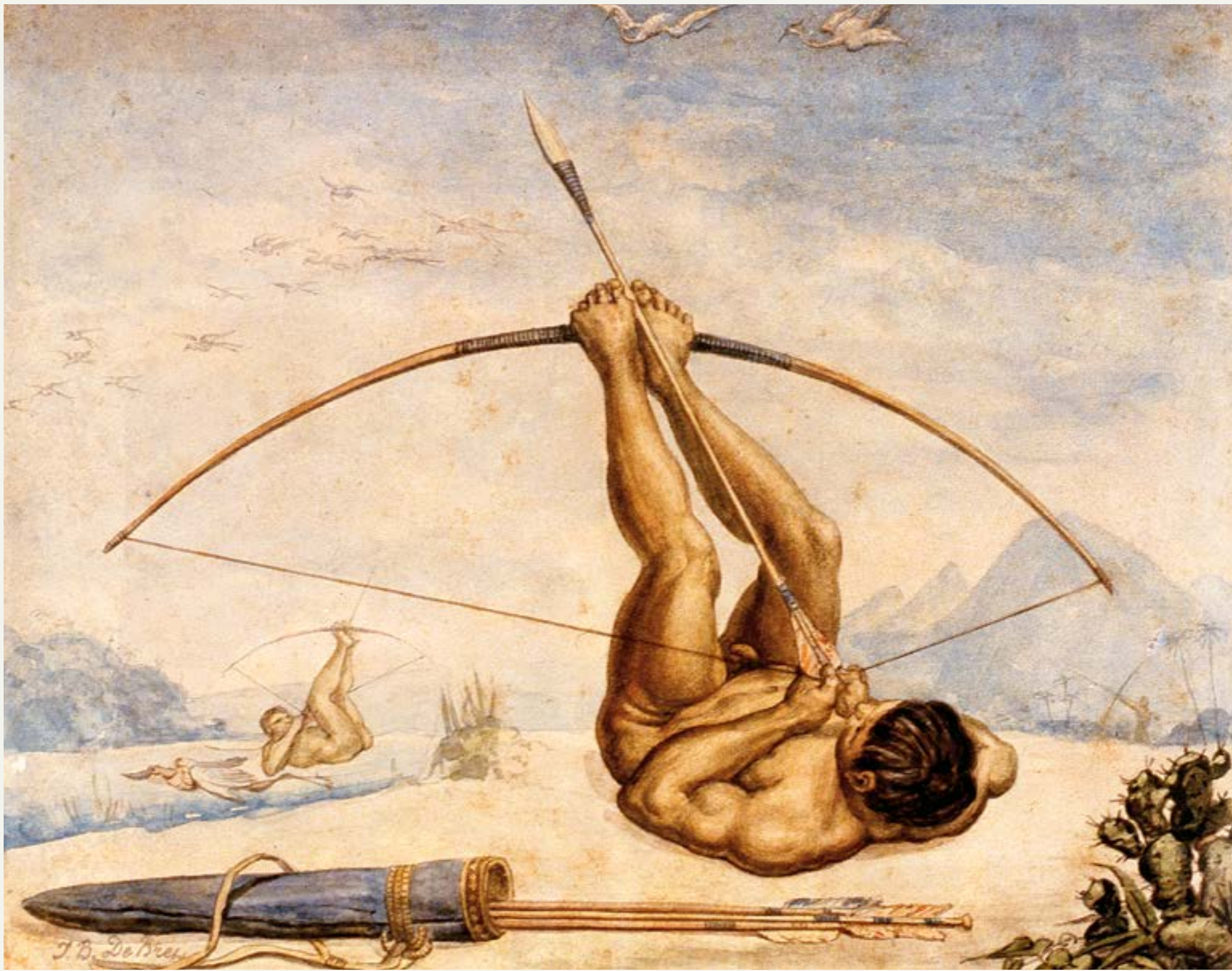
## A palmeira solitária

A palavra Pindorama em Tupi significa região ou lugar de palmeiras. A historiografia convencional, no entanto, deixou de lado referências indígenas em favor de denominações europeizantes. Principalmente depois da Semana de Arte Moderna, em 1922, e em particular com a publicação de “Memórias sentimentais de João Miramar”, por Oswald de Andrade em 1924, a ideia de “terra das palmeiras” voltou a ser considerada como referência indígena ao Brasil e serve de chave para algumas releituras ligadas à experiência brasileira.



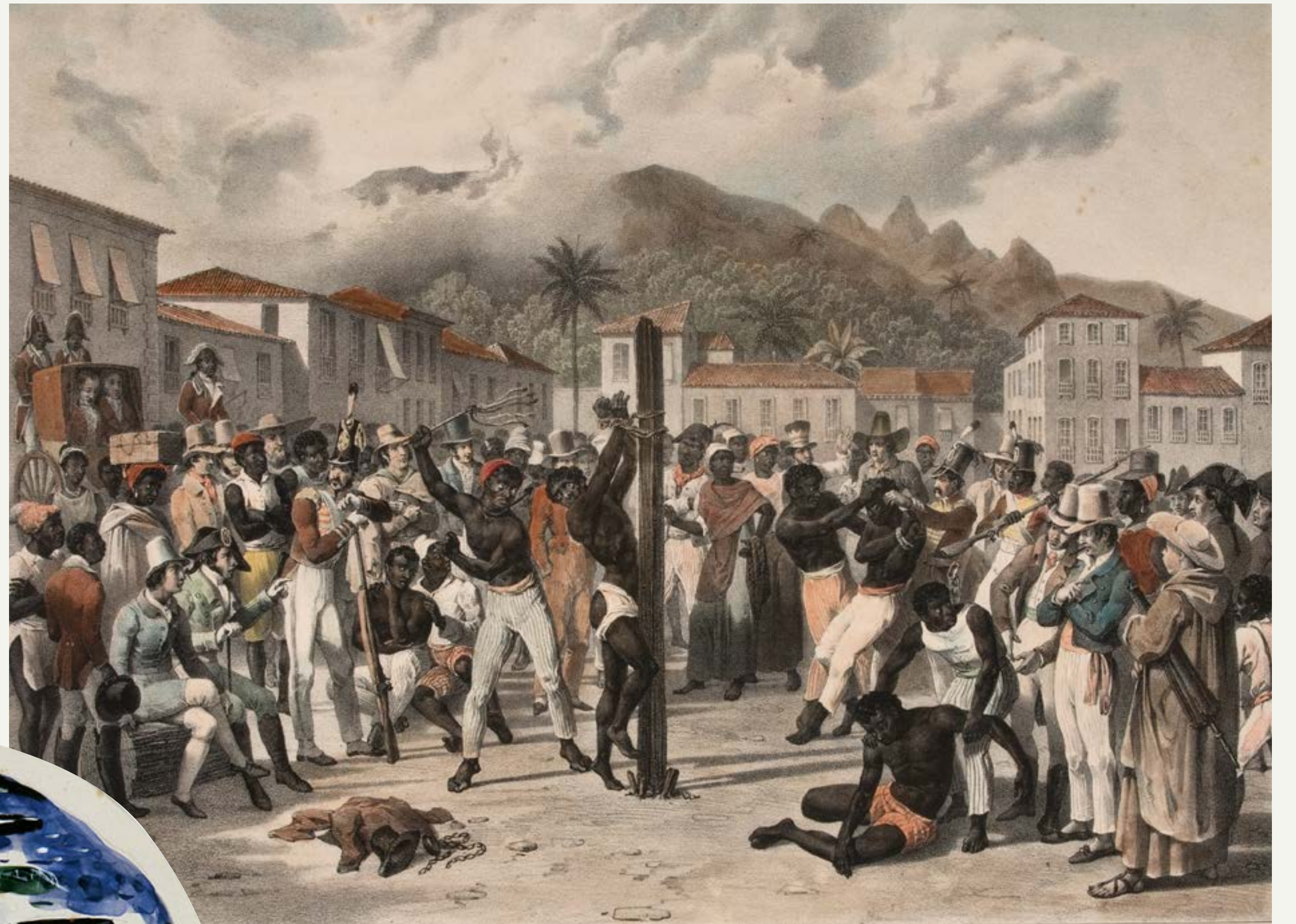
ENCONTROS E DESENCONTROS





ESCRavidÃO, TRABALHO E LUTA









Estamos vivendo em um mundo de judicialização, onde nada pode ser feito devido a um parágrafo, alínea ou inciso embutido em alguma Lei que proíbe tudo. Na questão dos Direitos Autorais, não é diferente.

Trabalhar com a memória virou uma gincana. Mesmo para uma obra pública sem fins lucrativos, a situação está complicada. Se eu quiser mostrar um quadro cuja posse está em litígio entre os herdeiros, é melhor cobri-lo com um pano preto do que me meter em uma guerra que será julgada em tribunal e cujo juiz pode interpretar de forma liberal.

Se Deus acordar de mau humor, você pode acabar nas mãos de um negacionista, e aí as coisas complicam ainda mais, sendo melhor nem mencionar. Se parar nas mãos de um juiz que entende, que tem bom discernimento, vai entender que uma obra de arte deve ser difundida.

Este é o meu pequeno grito de protesto, fruto de muitas pesquisas e interdições. Tomara que a interpretação da lei se transforme e que a Arte, a História e a Ciência possam ser usufruídas livremente por todos.

*Silvio Tendler*





## O fogo da história

Um dos símbolos mais expressivos da colonização portuguesa no Brasil é a figura do Bandeirante, mostrado como herói desbravador. Em julho de 2021, na capital paulista, ativistas de diversos movimentos incendiaram a estátua de Borba Gato buscando ressignificar a aventura dos dominadores portugueses.









# 1808

## MONARQUIA PORTUGUESA NA AMÉRICA

A pré-existência de grupos organizados na América exigiu artimanhas dos colonizadores, que enfrentaram resistências em diferentes níveis. No caso brasileiro, a variedade e o estilo de vida dos indígenas obrigaram a estratégias diferentes do resto da América espanhola. Ainda que a noção europeia de império abrangesse vastas regiões exóticas, a opção de transferência da sede do Império português para o Brasil apenas se concretizou em 1808.





Cen  
sura



Repressão

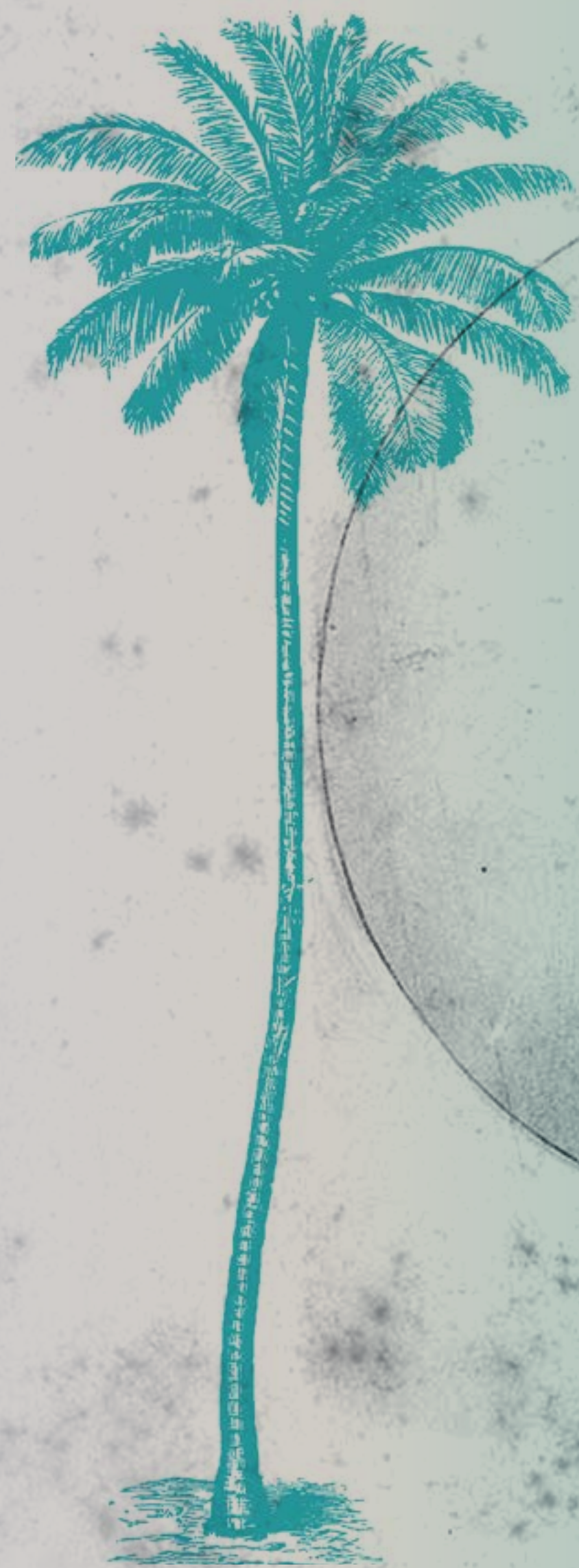




Com o Bloqueio Continental decretado por Napoleão desde 1896, a corte portuguesa estrategicamente optou por transferir-se para o Brasil, a mais próspera colônia. A rápida e apressada decisão da viagem forçou escolhas de que trazer. Da parte régia, documentos, livros, objetos de valor foram juntados para montar condição de uma governança provisória. Famílias nobres também trataram de trazer joias e fundos para garantir o próprio sustento por tempo indeterminado. Com esse material deu-se a base do que seria mais tarde a vida na corte e instituições complementares como a Biblioteca Nacional e o Banco do Brasil.







B.N.  
RIO

## Do outro lado do Atlântico

A presença de uma monarquia nos trópicos colocava a colônia em situação diferente de seus vizinhos, que caminhavam para o sistema republicano. A vinda da família real demandou mudanças drásticas na política portuguesa. O vínculo entre metrópole e colônia passou por um processo de redefinições apoiado em uma economia que se transformava. Do plantio de cana à mineração, o café se mostrou esteio de mudanças que, contudo, se assentavam no trabalho escravo. Surgia uma elite política brasileira que se apresentava como grupo capaz de buscar novas orientações que acabaram por resultar na Independência.





## Recepção

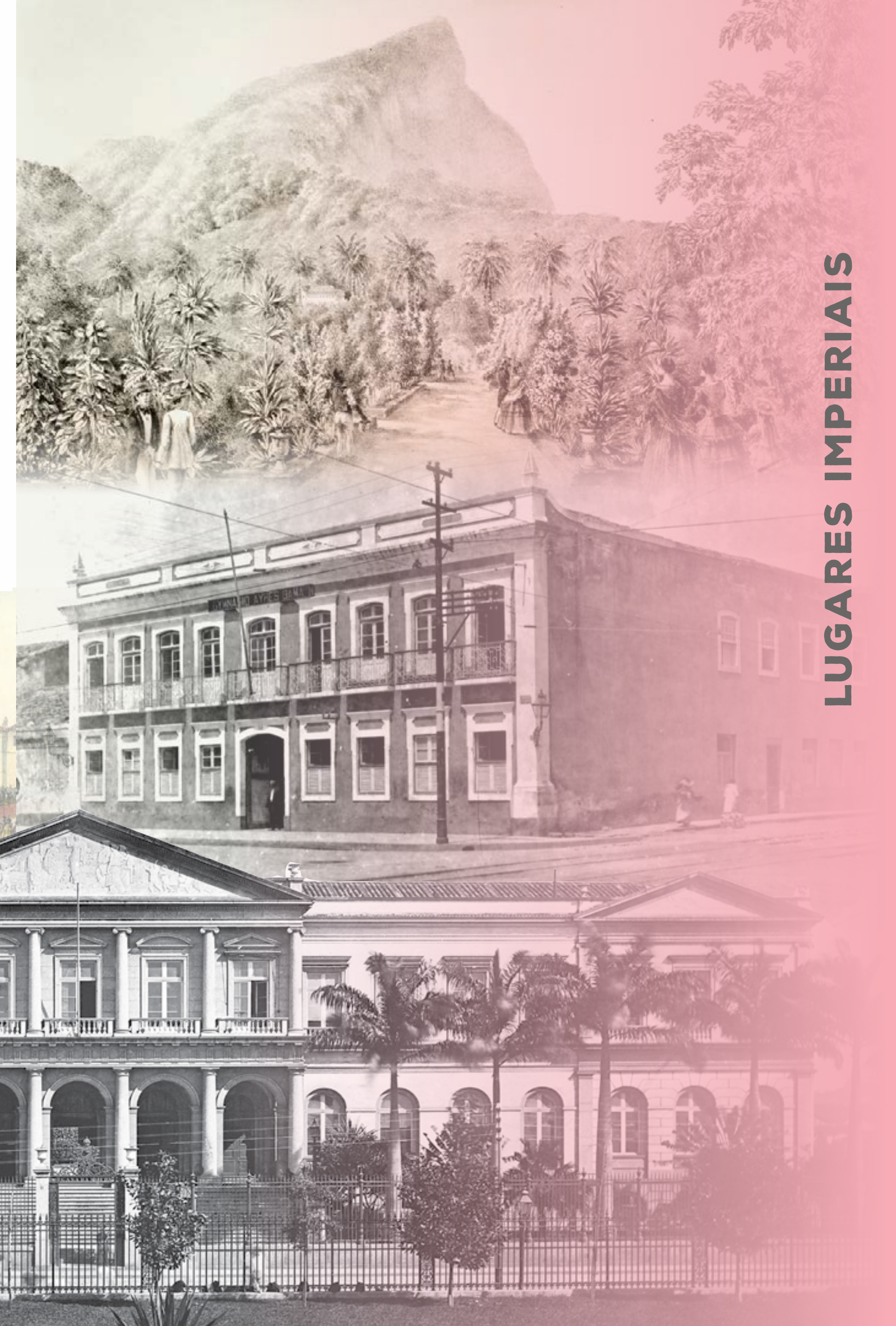
Armando Martins Viana deu forma ao importante registro no quadro "A chegada da Família Real ao Rio de Janeiro" e, em diálogo crítico, Candido Portinari, sob encomenda do Banco da Bahia, pintou a "A Chegada de D. João VI à Bahia".





## Lugares Imperiais

A presença da corte no Rio de Janeiro favoreceu a transformação urbana com espaços aprazíveis, culturais e de atendimento à saúde. A presença dessas marcas na arquitetura hoje sugere pensar o impacto da vida imperial na República.



LUGARES IMPERIAIS





GALERIA DE FIGURAS NOTÁVEIS DA CORTE BRASILEIRA



# EMANCIPAÇÃO



## A INDEPENDÊNCIA COMO INCÔMODO

A presença da Família Real no Brasil, em particular no Rio de Janeiro, exigiu transformações coerentes com o padrão europeu e com a administração imperial. Uma série de medidas foram tomadas para a governança que, afinal, ia se acomodando. Em 1815, por Decreto Real o Brasil passava a ser Reino Unido a Portugal e Algarves. Gradativamente, na metrópole, pressionava-se para o retorno real, condição que tensionava decisões que acabaram por motivar a Independência do Brasil.

Nossa Independência foi um processo bem articulado, sem derramamento de sangue, com acompanhamento político emancipacionista. Pagamos para isso. E caro. A economia brasileira se redefine nos primeiros anos de independência. Em 1815 começamos o processo de produção do café. Já estávamos distantes do controle português e enfrentando problemas locais, internos.



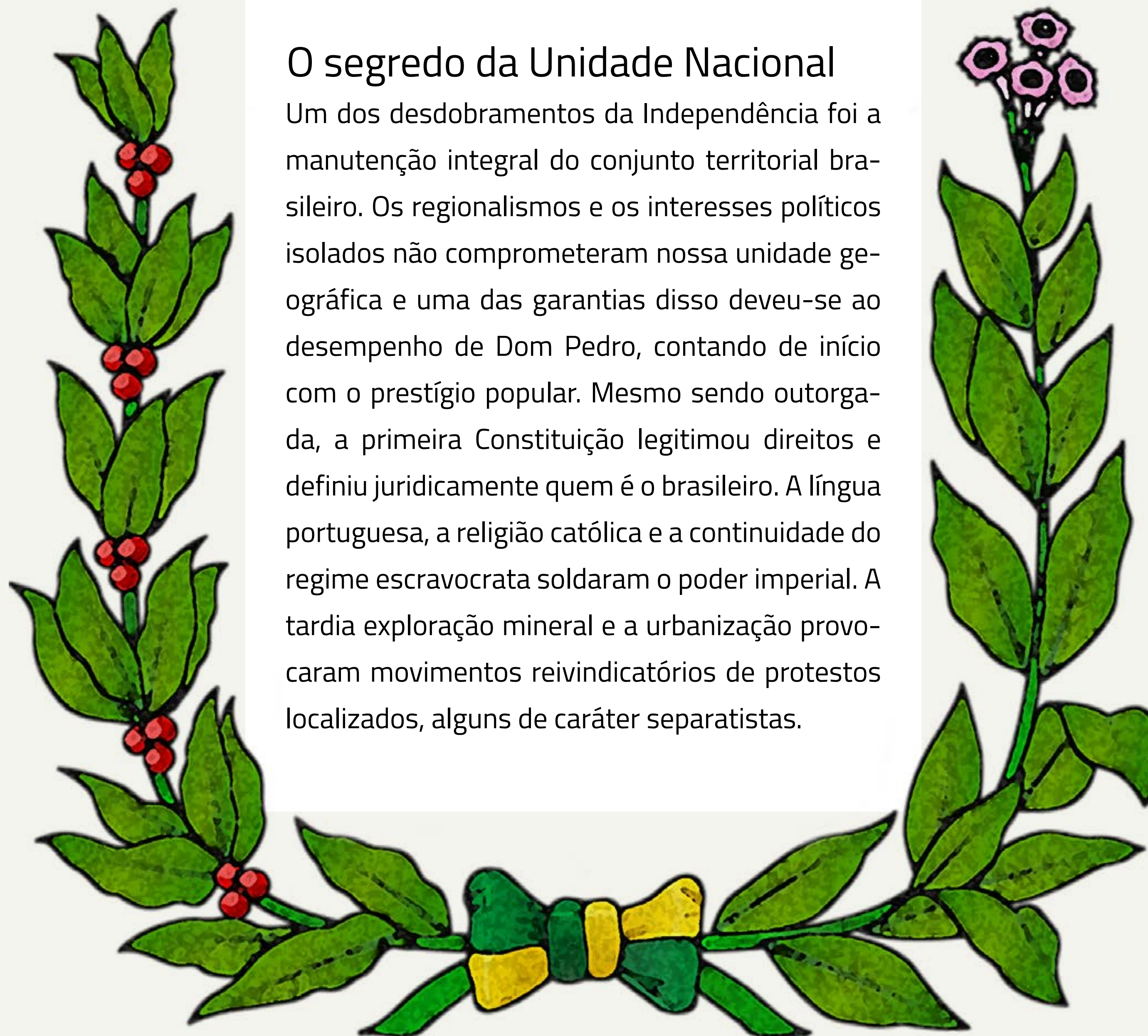






## O segredo da Unidade Nacional

Um dos desdobramentos da Independência foi a manutenção integral do conjunto territorial brasileiro. Os regionalismos e os interesses políticos isolados não comprometeram nossa unidade geográfica e uma das garantias disso deveu-se ao desempenho de Dom Pedro, contando de início com o prestígio popular. Mesmo sendo outorgada, a primeira Constituição legitimou direitos e definiu juridicamente quem é o brasileiro. A língua portuguesa, a religião católica e a continuidade do regime escravocrata soldaram o poder imperial. A tardia exploração mineral e a urbanização provocaram movimentos reivindicatórios de protestos localizados, alguns de caráter separatistas.





Revolta de Vila Rica



1660 Revolta da Cachaça



C.K.

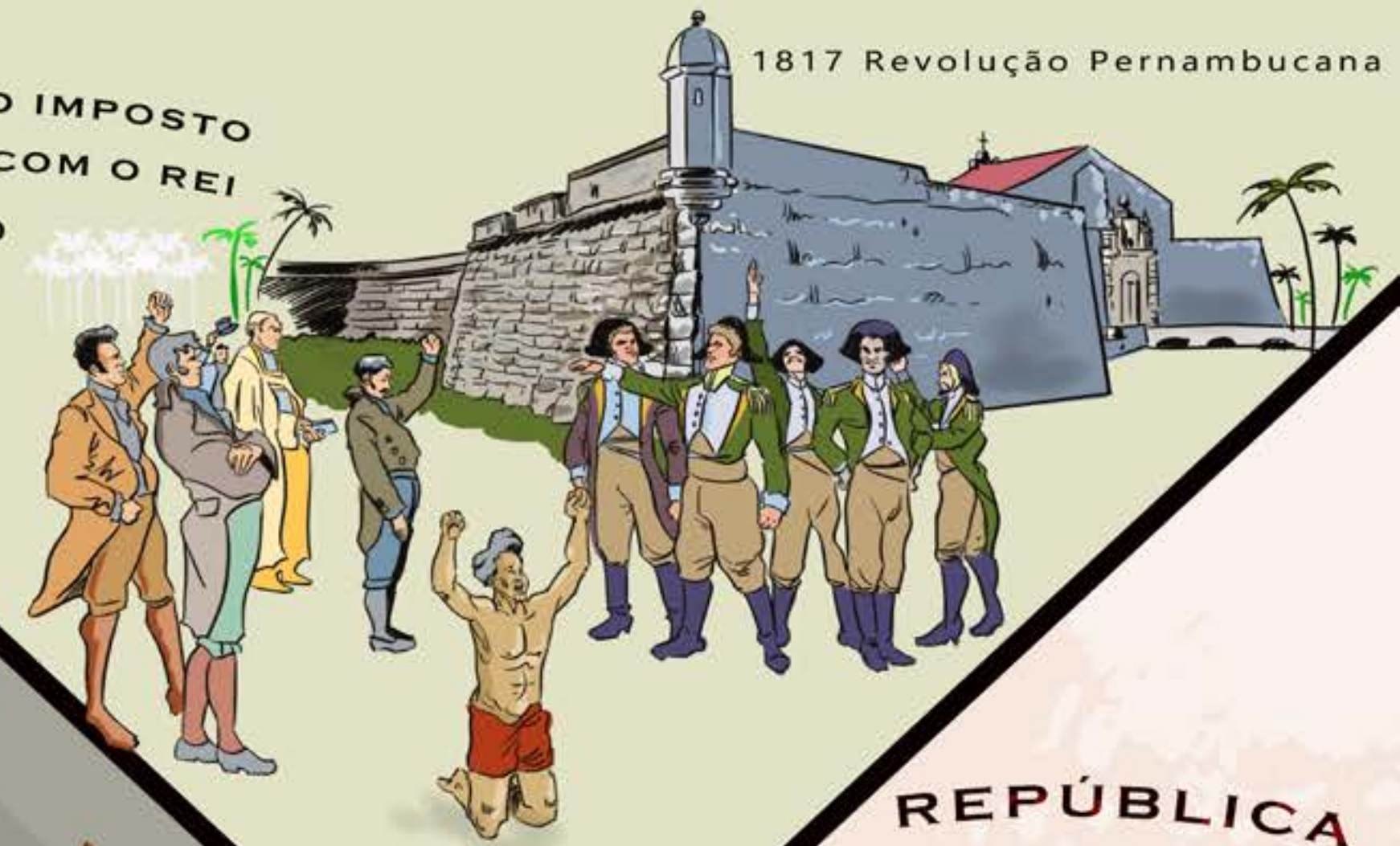


1789 Inconfidência Mineira

REPÚBLICA  
SUSPENSÃO DO IMPOSTO  
ROMPIMENTO COM O REI  
SEPARATISMO



1817 Revolução Pernambucana



REPÚBLICA  
ABOLIÇÃO  
SOCIALISMO

1798 Conjuração Baiana



INDEPENDÊNCIA À BRASILEIRA



## Movimentos revoltosos localizados

Aclamação de Amador Bueno

Revolta de Beckman

Guerra dos Emboabas

Guerra dos Mascates





## Manifestações emancipacionistas

Entre outras, as principais manifestações contra a dominação colonial foram:

“Revolta de Vila Rica”,

“Inconfidência Mineira”,

“Conjuração Baiana” (também

conhecida como “Revolta dos Alfaiates” e “dos Búzios”). Desde

as manifestações pontuais de

Amador Bueno que em São

Paulo, em 1641, se rebelou

contra a Monarquia portuguesa,

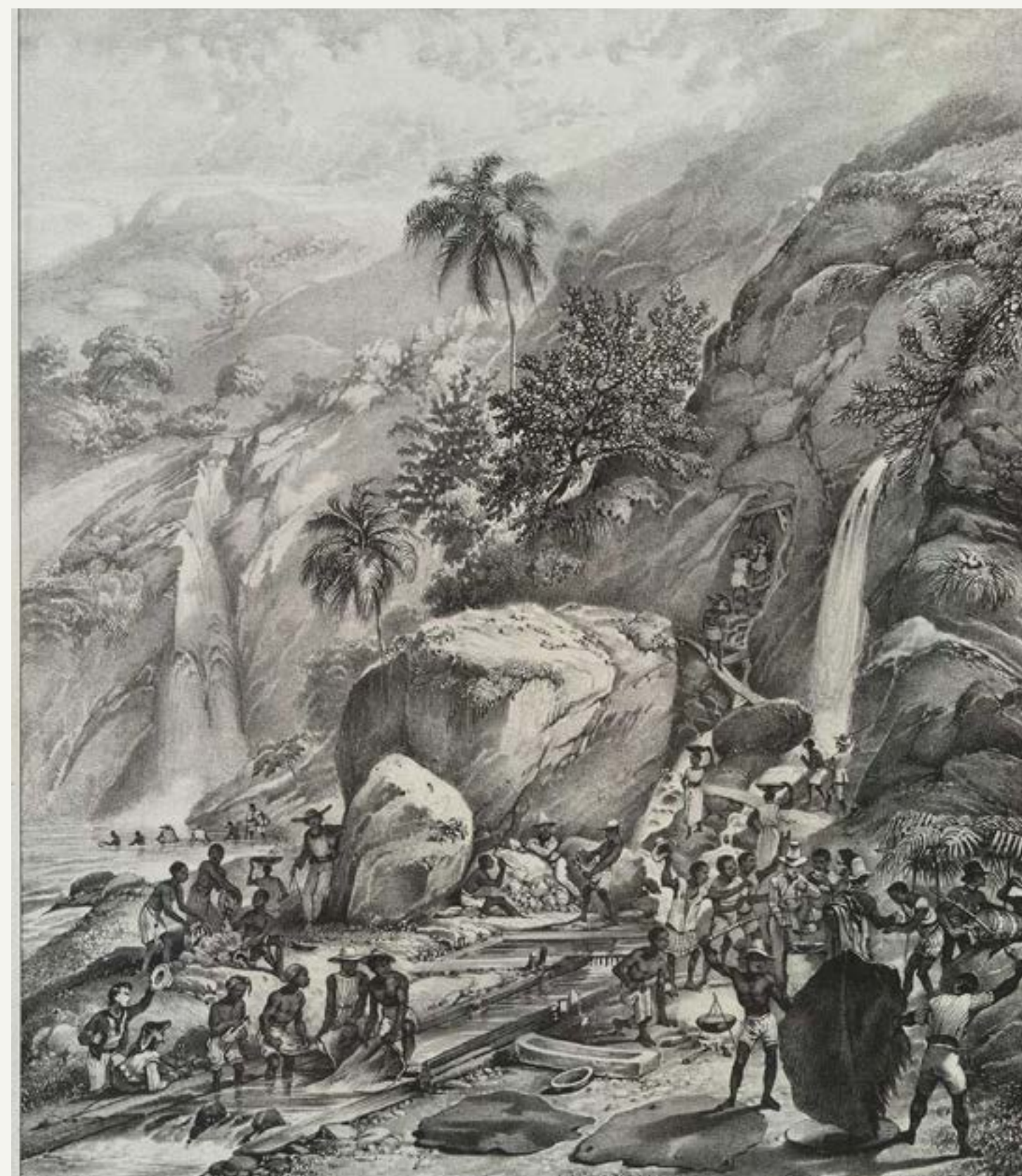
até os conseqüentes efeitos da

“Revolução Pernambucana de

1817”, levantes questionavam

o poder real português e os

limites de seus poderes.



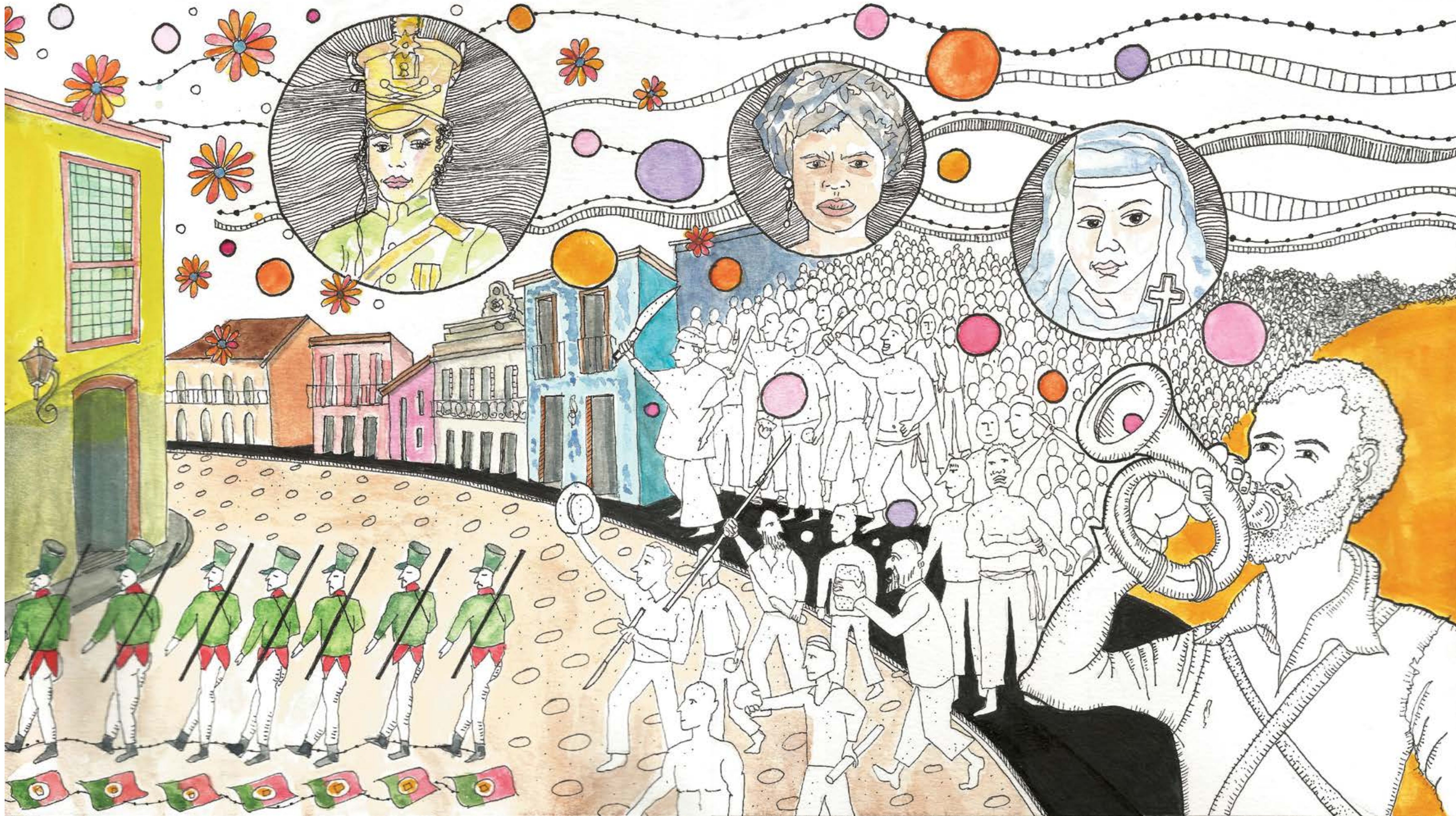
Inconfidência: deslealdade  
Conjuração: conspiração contra o Estado



Em termos populares, manifestações de massa provavam a adesão popular aos processos independentistas. A expressão mais vibrante se deu na Bahia em 1823 com a expulsão dos portugueses que não aceitavam a Independência.

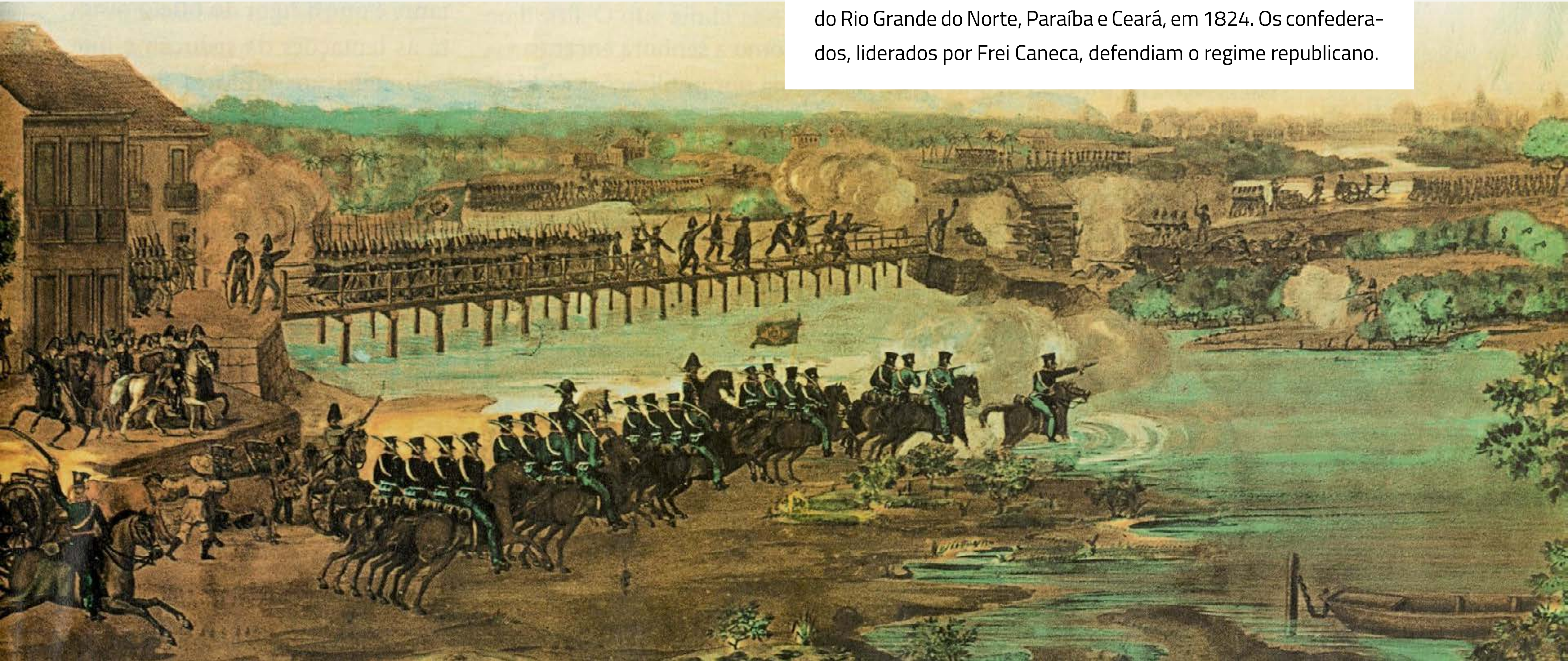








Depois da Independência, alguns movimentos questionavam o papel absolutista de D. Pedro. Um dos mais significativos desses movimentos foi a “Confederação do Equador” com participação do Rio Grande do Norte, Paraíba e Ceará, em 1824. Os confederados, liderados por Frei Caneca, defendiam o regime republicano.







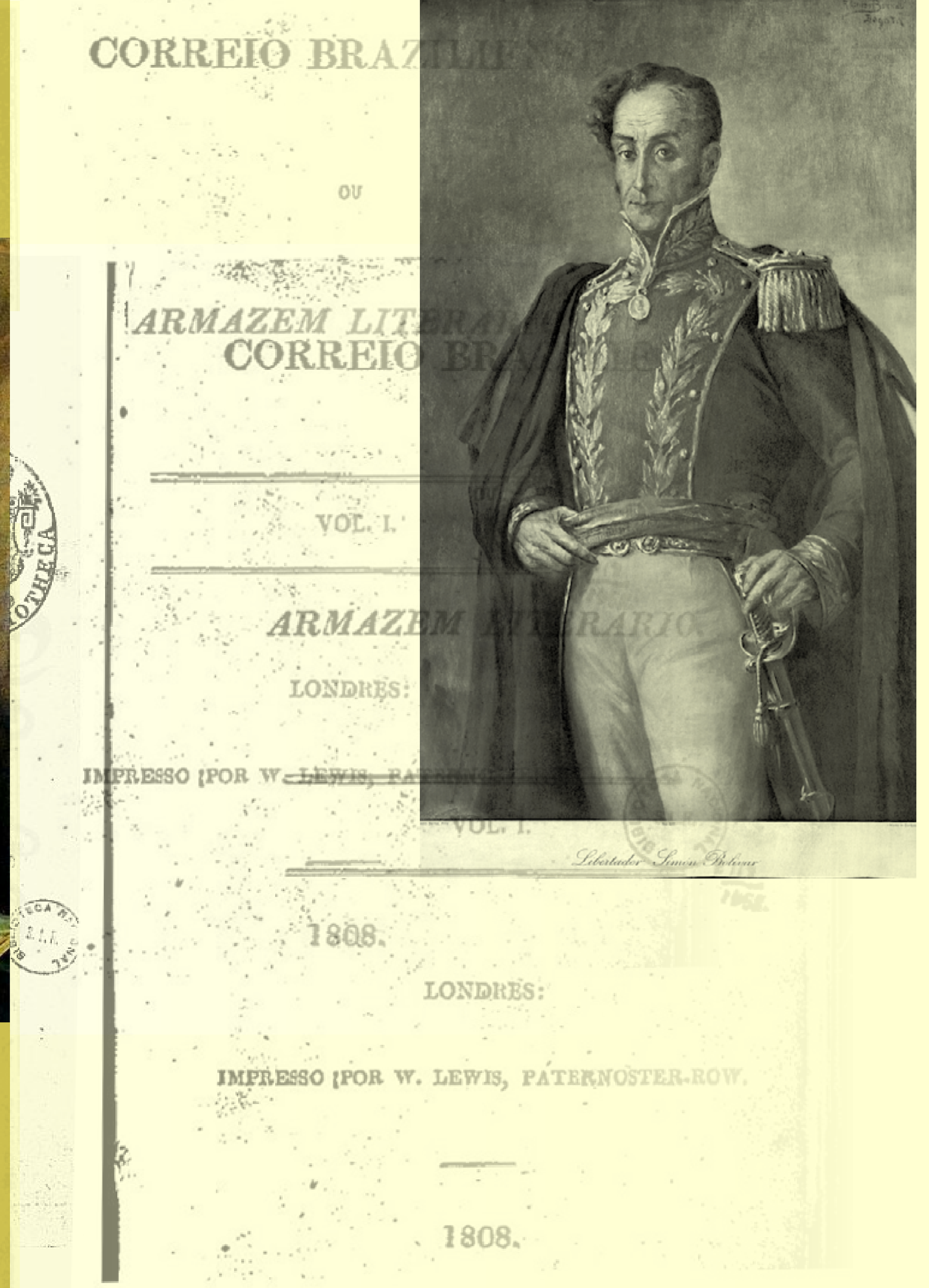
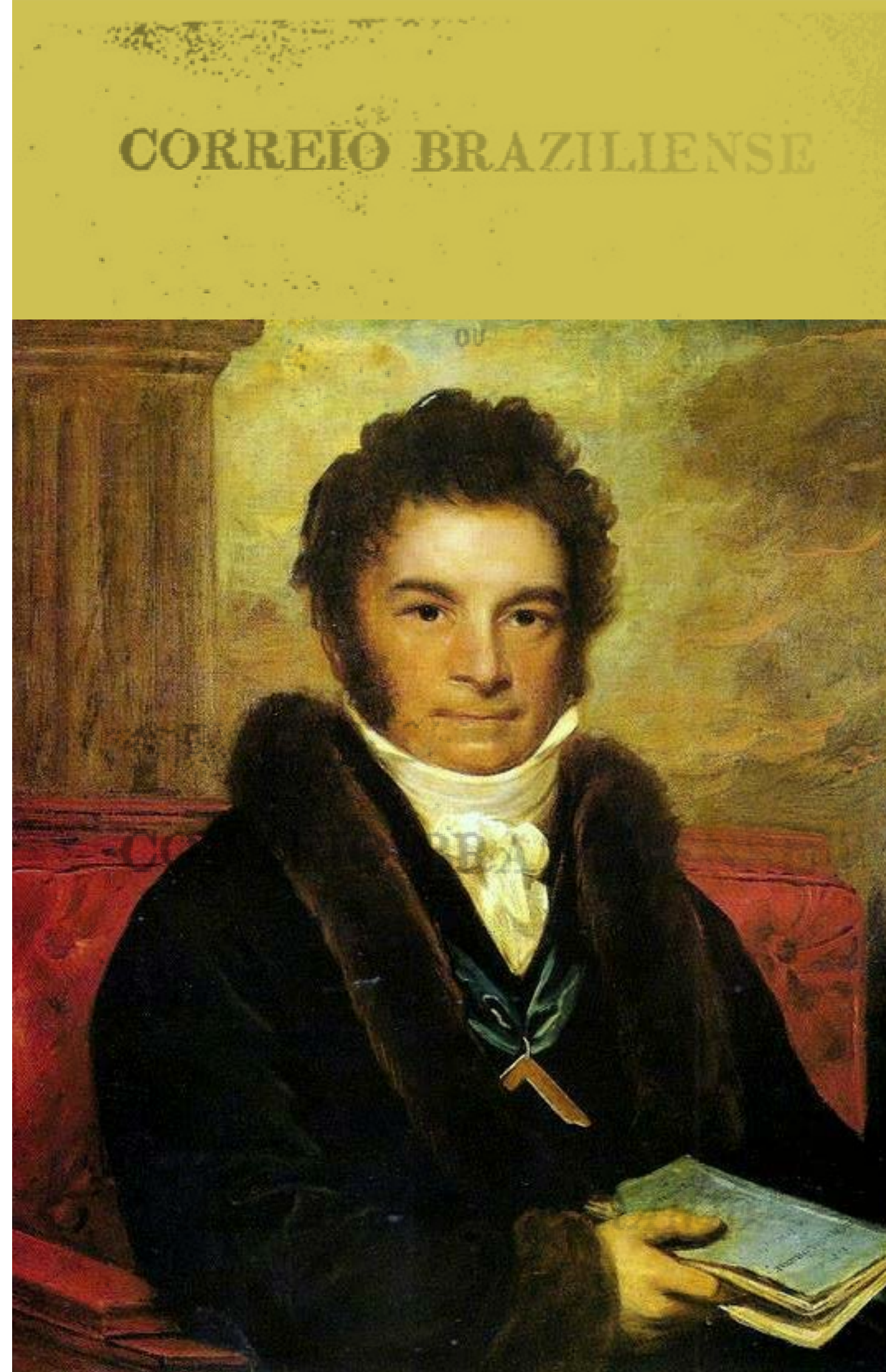
## Representações da Independência

A história oficial tem se reciclado e uma das manifestações mais significativas remete ao papel de Dona Leopoldina, princesa austríaca, primeira esposa de Dom Pedro I. A tela "Sessão do Conselho de Estado", pintada para a celebração do centenário da Proclamação em 1922, valorizava a presença dessa senhora, ao lado de políticos brasileiros, assinando a carta que provocaria a decisão de Dom Pedro, então em viagem a Santos.

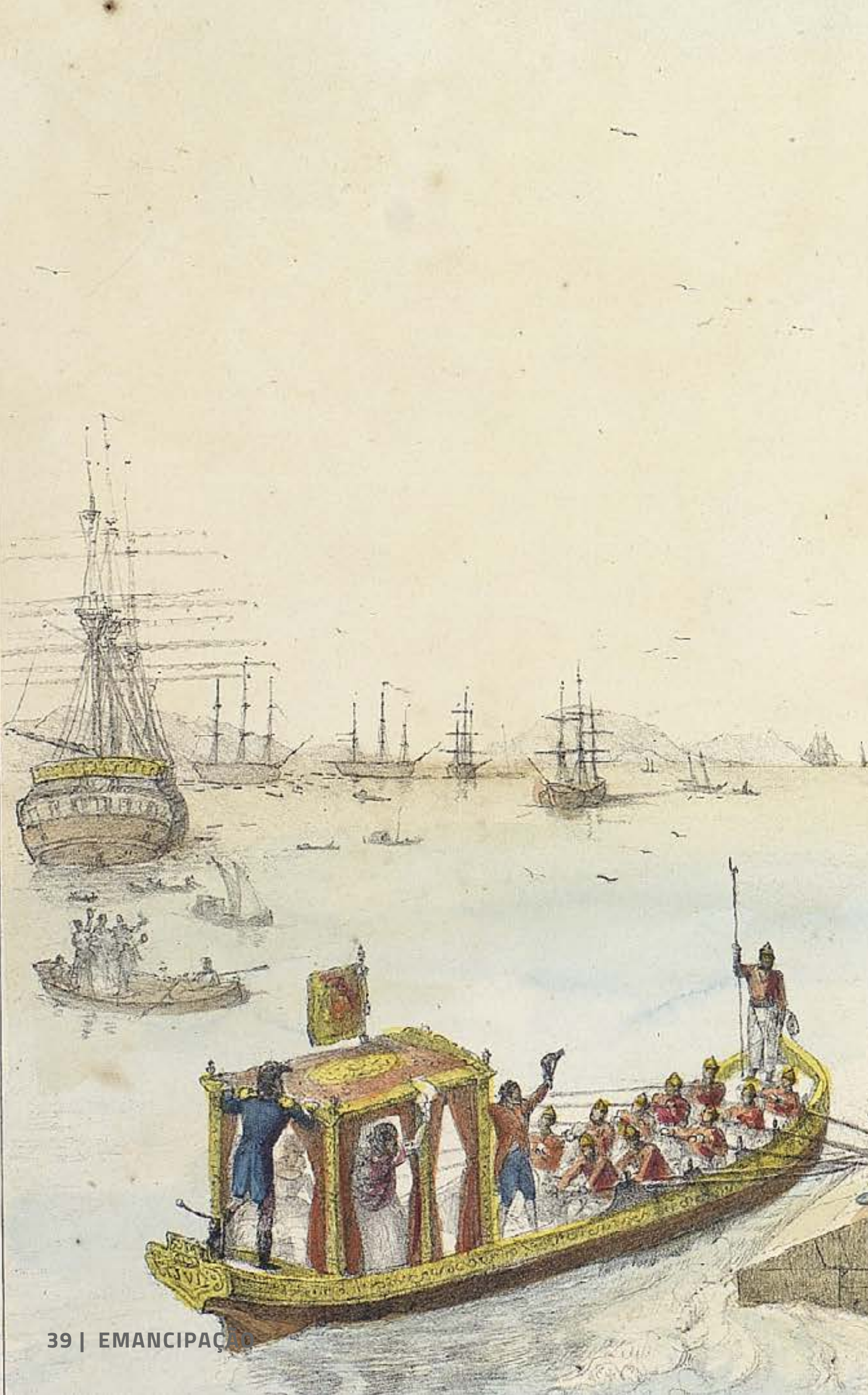


## Hipólito da Costa e a Independência

Hipólito da Costa é considerado o “pai do jornalismo brasileiro”. Ativista culto e viajado, maçom, com amplo círculo de amigos progressistas, depois de estudar em Coimbra, passar pelos Estados Unidos, foi para a Inglaterra onde se exilou por ser contrário à política absolutista de Dom Pedro I. Mesmo sendo monarquista, defendia a Constituição e desde 1808, escrevia artigos críticos publicados em seu jornal “O Correio Brasiliense”. Em Londres conviveu com ideais de latino-americanos libertários como San Martín e Bolívar. Antes de morrer aos 49 anos, em vista da desilusão causada pela pressão portuguesa na Revolução do Porto, aderiu ao processo de Independência do Brasil.

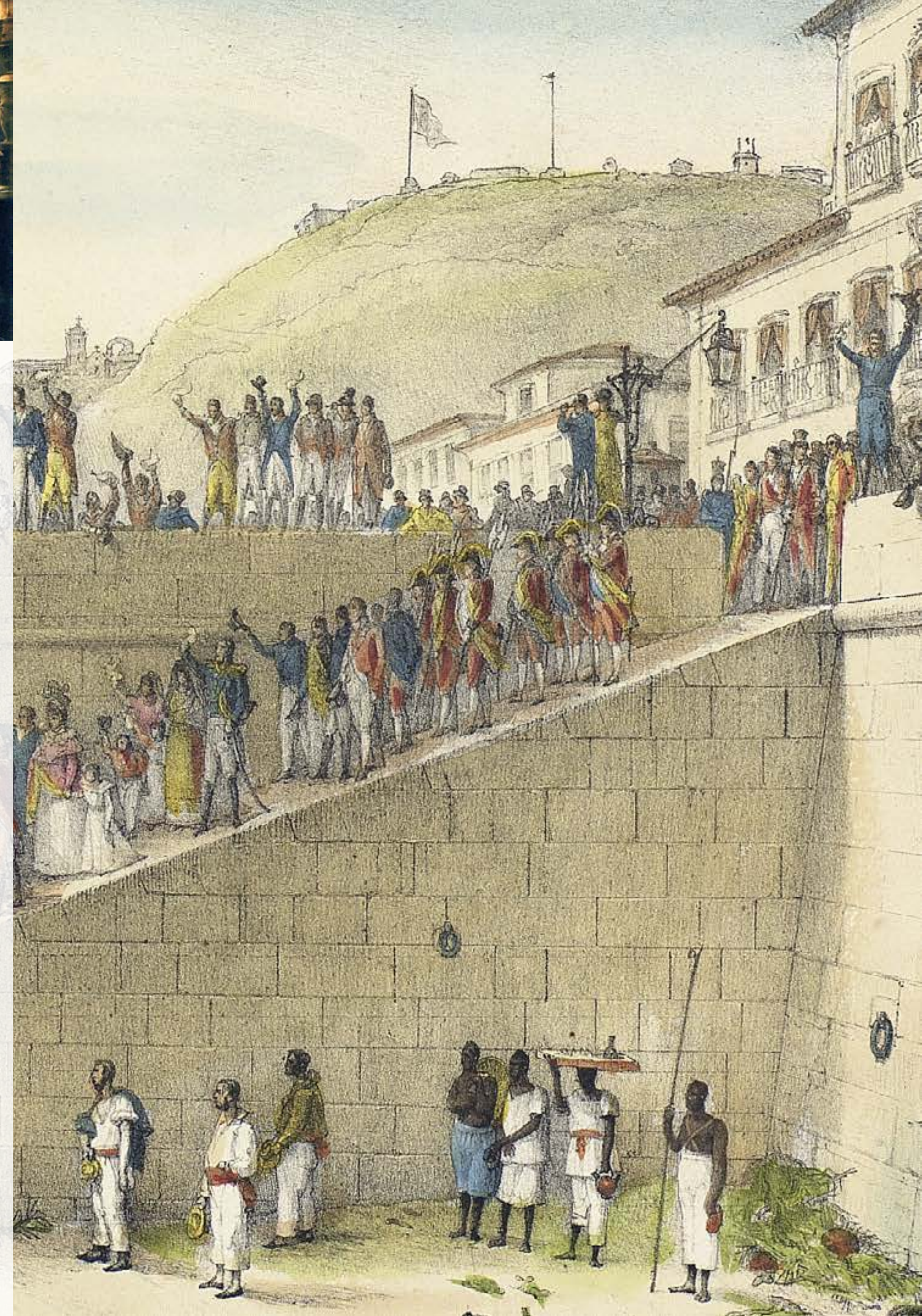






## O retorno da Família Real para Portugal e a abdicação de D Pedro I

Com o Brasil independente, tensionou-se ainda mais a relação entre a metrópole e a ex-colônia brasileira: Lisboa teria que aceitar nossa autonomia e para tanto o novo governo deveria buscar reconhecimento internacional, e pagar pesadas multas contratuais. Além das questões políticas, desafios econômicos se apresentavam, em particular, o trato da escravidão, esteio da sobrevivência colonial.

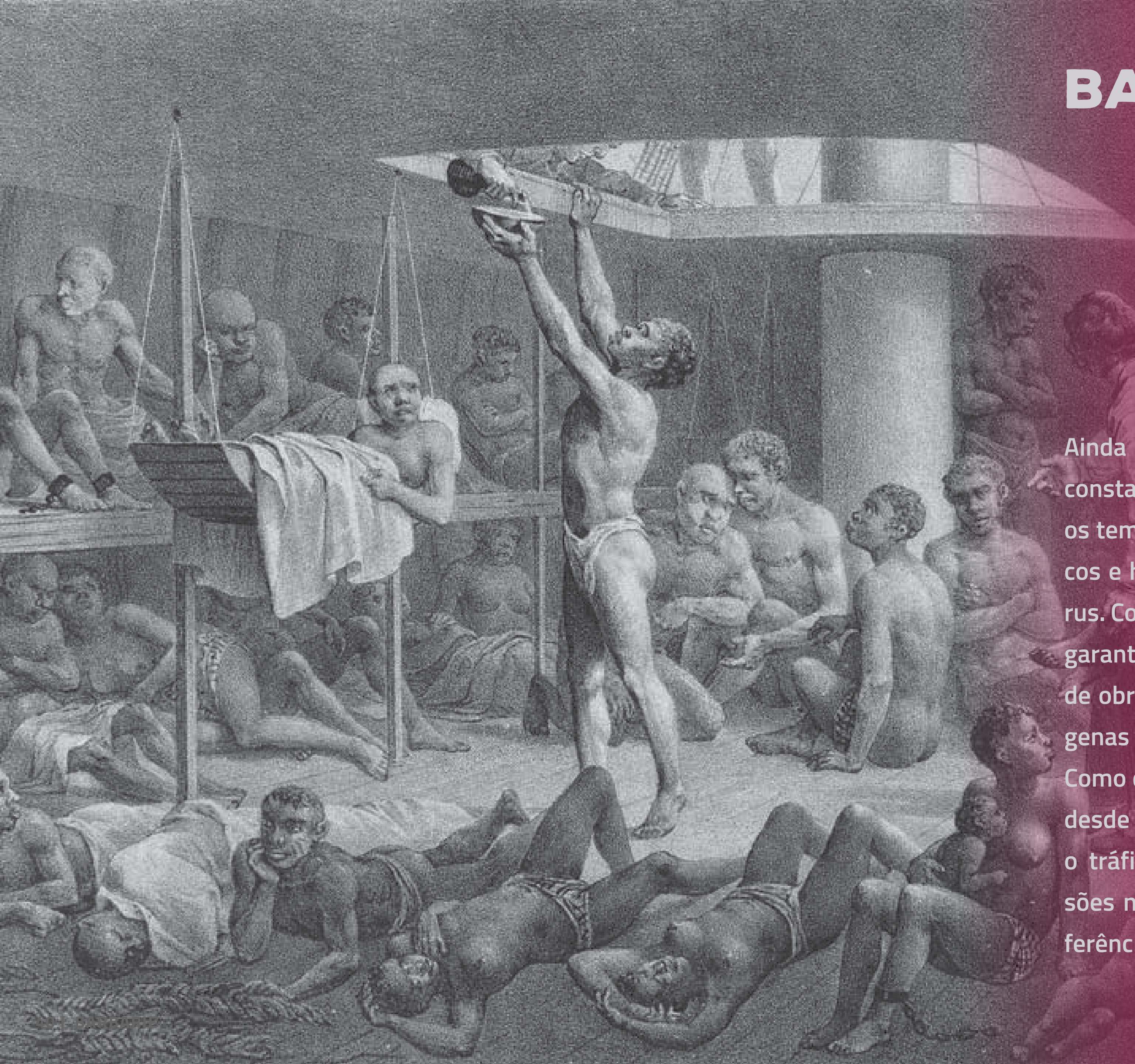
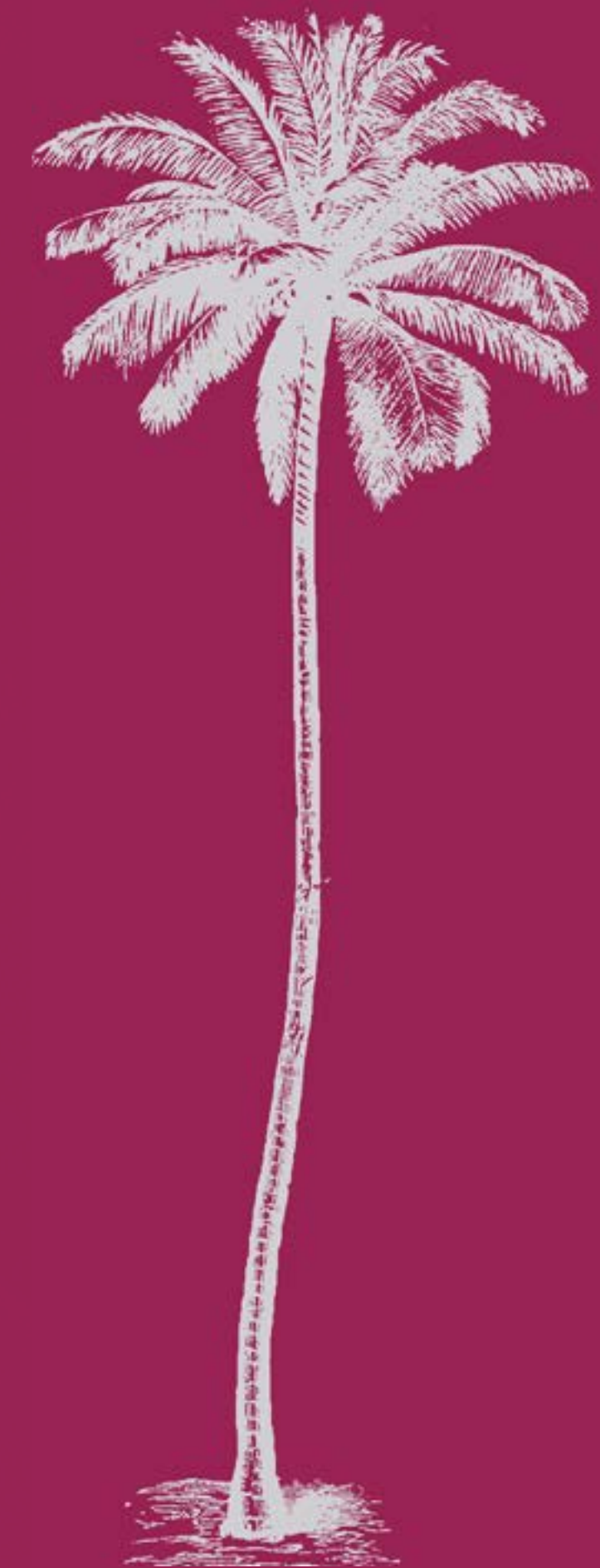




# BARBÁRIE

## ESCRavidÃO NEGRA NO SISTEMA COLONIAL

Ainda que em escala reduzida, como prática constante na História, a escravidão atravessou os tempos, sendo admitida em textos teológicos e humanísticos como na “Utopia”, de Morus. Com a conquista da América, esse sistema garantiu a sustentação colonial, que exigia mão de obra barata, primeiro submetendo os indígenas e depois os negros importados da África. Como desdobramento de prática desenvolvida desde 1444 com sudaneses do norte da África, o tráfico negreiro português ganhou dimensões notáveis, sendo responsável pela transferência de mais de 12 milhões de indivíduos.









O Tráfico Negreiro tornou-se o mais rentável negócio do mundo colonial. Só para o Brasil foram feitas cerca de 9 mil viagens. O Cais do Valongo, no Rio de Janeiro foi o porto que mais escravizados recebeu em toda a América.

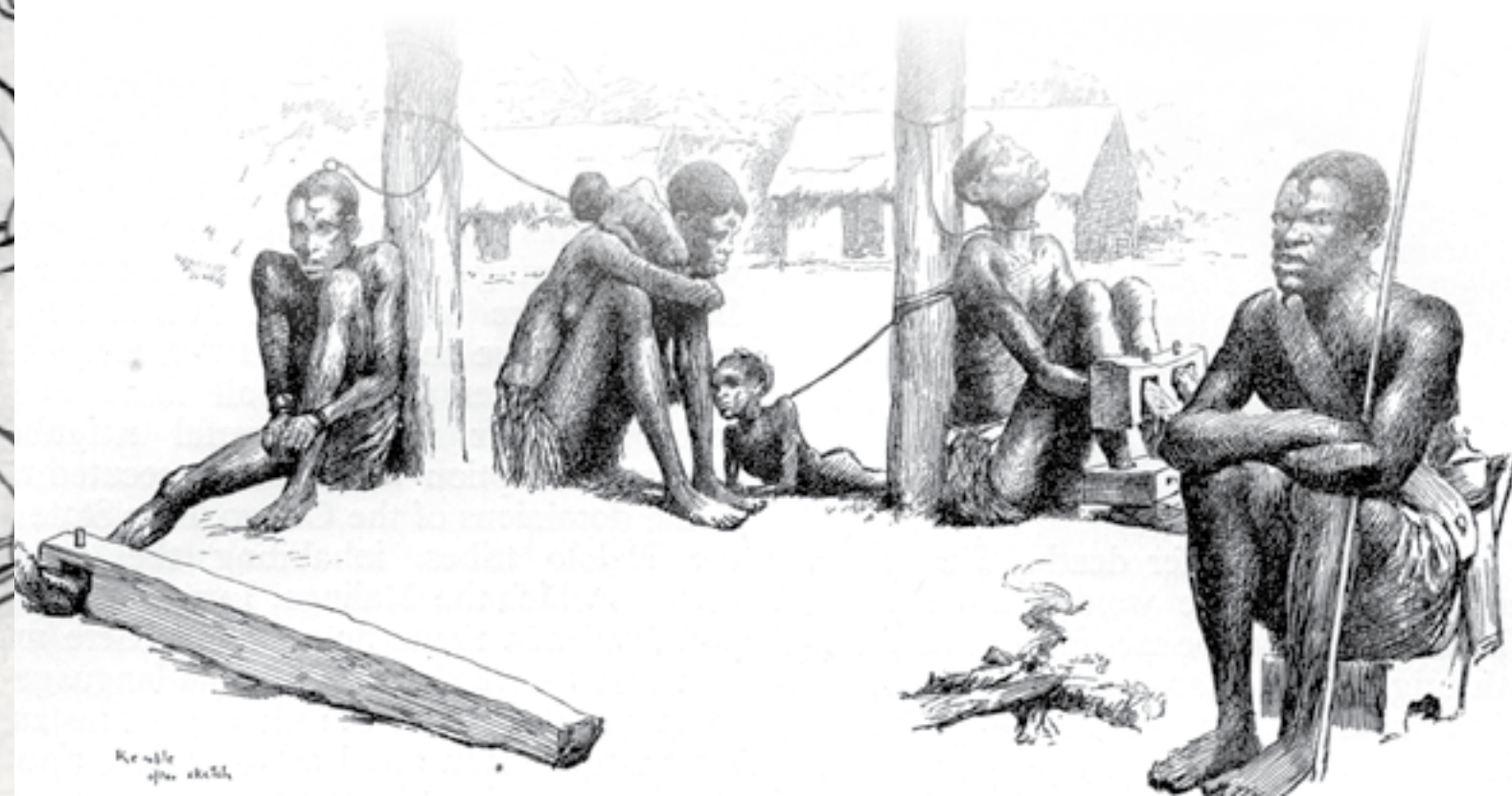






## Funções e decorrências do Trabalho escravo

Desde os primeiros engenhos de açúcar no Nordeste até as plantações de tabaco e café mais ao Sul, passando pela mineração e serviços domésticos, a mão de obra negra causou mudanças que afetaram todo o mundo, justificando um novo “modo de produção”. Em sociedade, a violência das relações legitimava o poder patriarcal com base no latifúndio rural. Ao longo dos tempos, principalmente depois da Lei do Ventre-livre de 1871, juntamente com uma elite branca progressista, a resistência negra se manifestou além de fugas constantes e dos quilombos que se multiplicavam, gerando tensões projetadas ao longo da experiência nacional.







## Principais abolicionistas negros

Ainda que sejam sempre ressaltados abolicionistas brancos, havia também um grupo distinto de negros, como Luís Gama, Maria Tomásia, Dragão do Mar, André Rebouças, Figueira Lima, Adelina, e Maria Firmina Reis. Importante reconhecer a participação de uma liderança negra no quadro dos abolicionistas. O apagamento desses nomes corresponde a um esforço de desqualificação política dos negros ao longo dos tempos.



## CAM, O MALDITO

O quadro "A Redenção de Cam" remete à passagem Bíblica de Noé e seus filhos Sem, Jafé e Cam, sendo que este teria zombado do pai bêbado e por isso amaldiçoado. Diz a tradição popular que Cam foi expulso de casa e como castigo teria ido para a África. Essa fabulação serviu de base para interpretações preconceituosas que justificavam a escravidão negra.



# DIVERSIDADE

## A REDENÇÃO DE CAM

A tela "A Redenção de Cam" de Modesto Brocos, pintada em 1895, sugere discussão sobre a composição étnico-racial dos brasileiros. Com a figuração da avó negra, da filha mulata, do pai branco/português e da criança embranquecida, estavam colocadas em ordem geracional o programa de "clareamento" da população. O secular isolamento colonial, com três tipos socio-biológicos distintos, indígenas, negros e brancos-portugueses, implicou criação imaginária de um tipo racial ao qual o poeta Olavo Bilac chamou de "três raças tristes".

Questões da discutida identidade nacional contrastam com a noção de diversidade cultural, tema que exige reflexão sobre a "democracia racial brasileira". A mestiçagem como fenômeno histórico nacional é assunto crescente e tem gerado farta produção iconográfica, que convida a questionar etnicamente quem somos.









Desde a segunda metade do século XIX, algumas leis pretenderam aliviar a vida dos escravizados no Brasil.

**1850 Lei Eusébio de Queiroz**  
abolia o tráfico de negros da África.

**1871 Lei do Ventre Livre**  
dava liberdade a toda criança nascida de mulher negra a partir daquele ano, porém a criança deveria ficar subordinada aos senhores de seus pais até completar 21 anos.

**1885 Lei do Sexagenário**  
tornava os negros a partir dos 65 anos livres.

**1888 Lei Áurea**  
pôs fim à escravidão no Brasil.



# Mestiçagem

## Música brasileira

Tens, às vezes, o fogo soberano

Do amor: encerras na cadência, acesa

Em requebros e encantos de impureza,

Todo o feitiço do pecado humano.

Mas, sobre essa volúpia, erra a tristeza

Dos desertos, das matas e do oceano:

Bárbara poracé, banzo africano,

E soluços de trova portuguesa.

És samba e jongo, xiba e fado, cujos

Acordes são desejos e orfandades

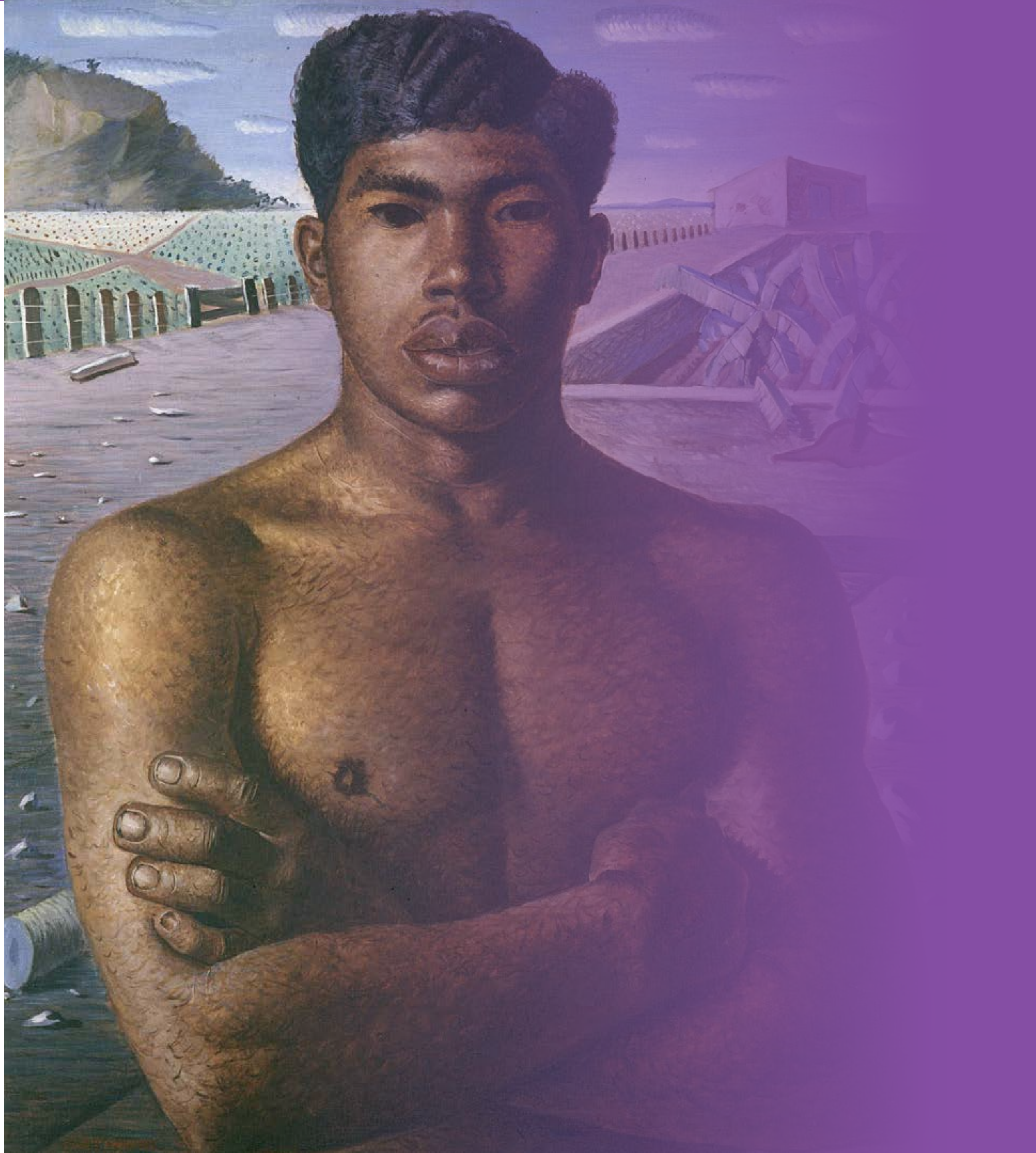
De selvagens, cativos e marujos:

E em nostalgias e paixões consistes,

Lasciva dor, beijo de três saudades,

Flor amorosa de três raças tristes.

*Olavo Bilac*



Como debate, a miscigenação sempre foi um dos temas mais presentes em nossa sociedade. Desde o período colonial, tendo os europeus/brancos como referência, o cruzamento de indígenas e africanos deu origem a grupos mestiços:

### **Mulatos**

conhecidos também por “crioulo”, resultado da mistura de brancos e negros

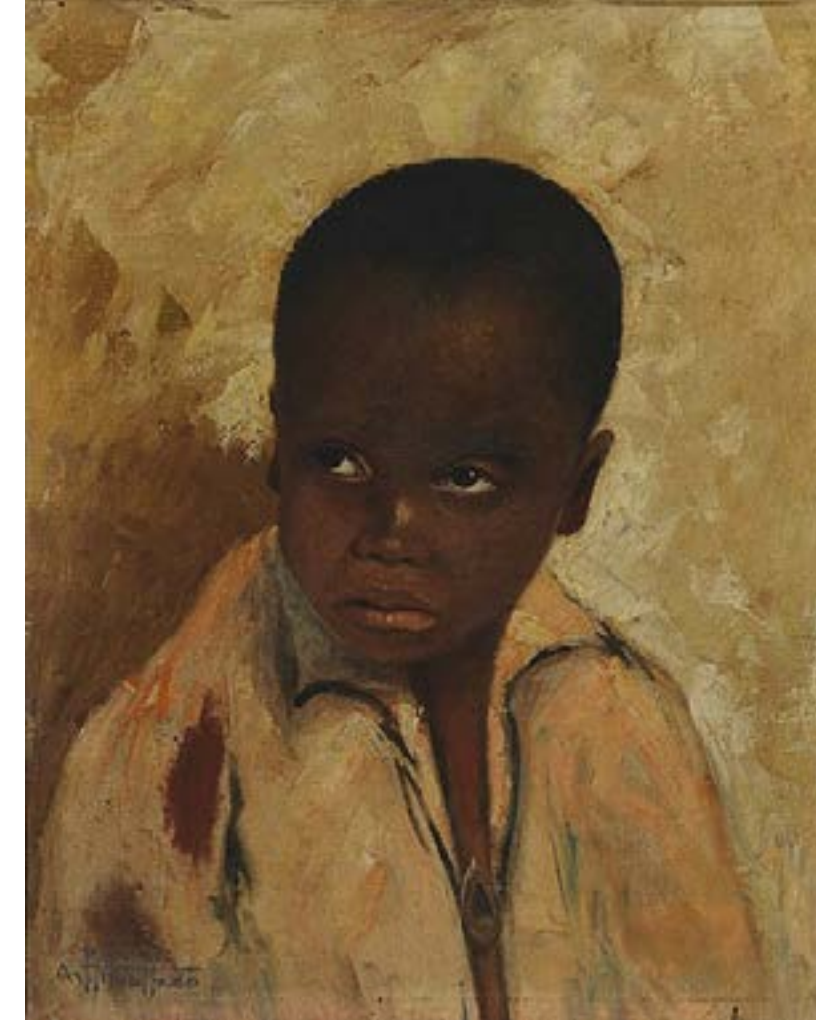
### **Mamelucos ou “caboclos”**

fruto da união de brancos com indígenas

### **Cafuzos**

filhos de negro(s) com indígena(s).





## Mestiçagem na Arte

Desde o padre Antônio Vieira, muitos mestiços se destacaram na Literatura, como Maria Firmina dos Reis, Machado de Assis, Cruz e Souza e Lima Barreto. Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo, mais recentemente,

têm se distinguido como expressões afrodescendentes. Na Música, José Maurício e Estevão Silva se anteciparam a Carlos Gomes. O repertório musical popular é enorme e abriga nomes como Pixinguinha, Donga, Dona Yvone Lara, Cartola entre muitos outros.

Destaque significativo deve ser dado para Arthur Timóteo, pintor, gravador, cenógrafo que foi o primeiro negro premiado como pintor brasileiro, abrindo caminho para outras figuras como Emanuel Araújo.

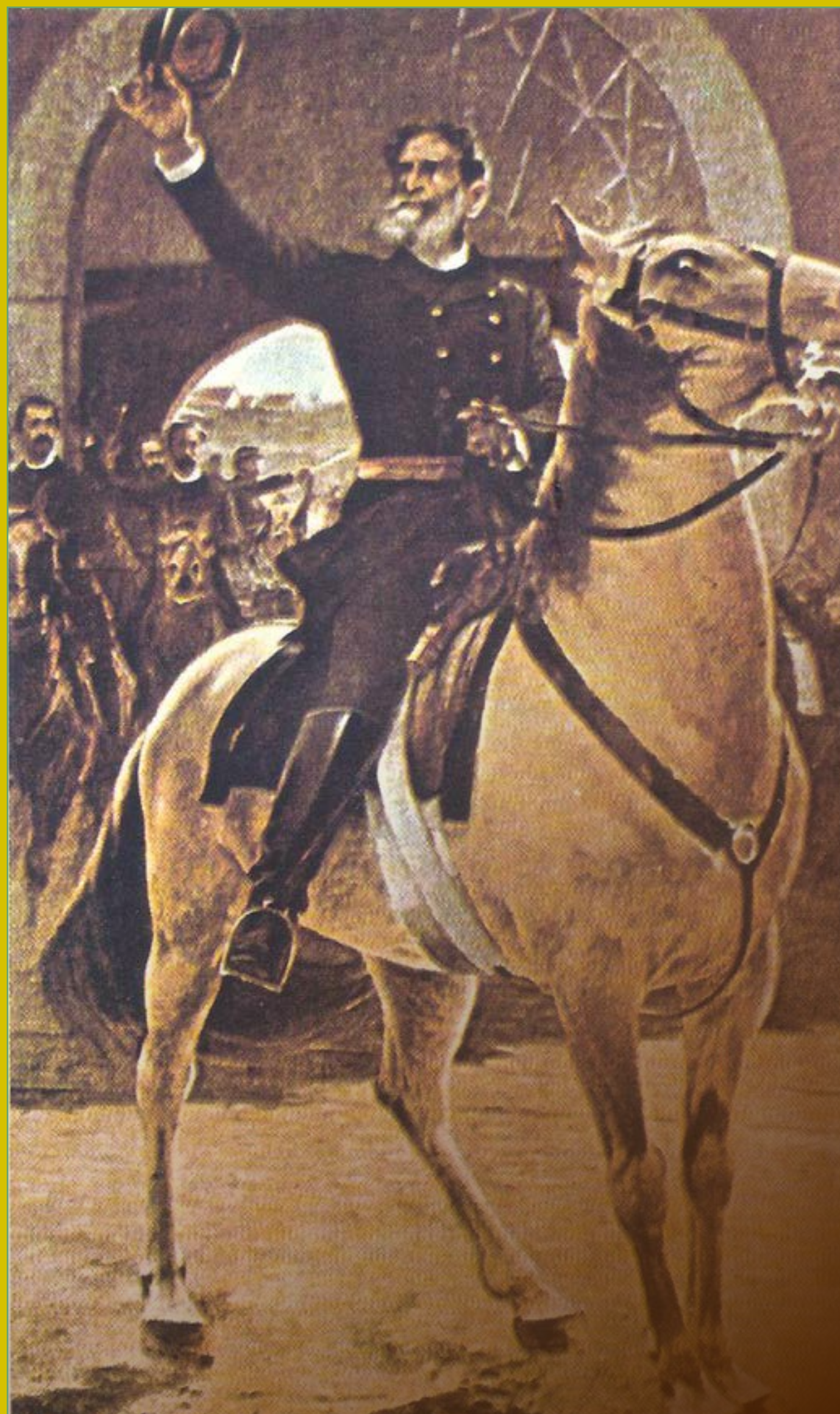




ARGUMENTOS  
POLÍTICOS  
SOBRE RACISMO







# O IMPÉRIO TRAÍDO

## MILITARES E O POVO NA REPÚBLICA

Ainda que houvesse um ruidoso e localizado movimento republicano, o desfecho do processo se deu por um golpe militar. O Marechal Deodoro da Fonseca, amigo pessoal do Imperador Dom Pedro II, proclamou a República no dia 15 de novembro de 1889, pouco mais de um ano depois da Abolição da Escravatura. Chama a atenção a pouca participação da sociedade civil no ato decisivo e a consequente apropriação do evento como feito militar. Em 1981, o então Ministro da Fazenda Ruy Barbosa favoreceu a queima de arquivos relativos à Abolição da Escravatura. Essa medida visava impedir ações de ressarcimento dos senhores de escravos e ao mesmo tempo vetar eventuais medidas de ex-escravos reclamando direitos.





PRINCESA ISABEL: — Assinamos a lei Áurea. BARÃO DE COTEGIPE, PRIMEIRO MINISTRO: — Perderam o trono.





O lema de Auguste Comte, filósofo positivista, era “Amor, ordem e progresso” sendo “o amor por princípio, a ordem por base e o progresso por fim”. Na bandeira republicana, optou-se por manter apenas “ordem e progresso”. O entendimento de então remetia a uma leitura romântica, não social, do conceito de amor.





## A Alegoria do Ventre Livre

Imediatamente depois da Abolição, Pedro Américo pintou, em 1889, a "Libertação dos Escravos". Já no espírito republicano, uma série de obras de arte se voltaram à questão dos negros como forma de crítica ao passado e anúncio de uma nova Era. Os libertos, contudo, ainda eram mostrados de joelhos, agradecendo.

A Abolição foi feita sem um planejamento dos ex-escravos. Legados à própria sorte, centenas de milhares de libertos vagaram pelas cidades, estradas e campos sem perspectiva de integração social. Parte dos problemas da marginalização secular das populações pobres brasileiras se explica por esse abandono estrutural.





Os escravos libertos, em particular os evadidos das fazendas do Vale do Paraíba, em levas, foram para o Rio de Janeiro, então capital federal. Sem amparo algum, sem projeto de integração social, esses grupos ficaram marginalizados constituindo-se em sério problema que se projeta até o presente.





## Explosões Populares

Uma sequência de manifestações responde à participação popular nos rumos republicanos: a Guerra de Canudos, a Revolta da Vacina e a Greve Geral de 1917.

### **ALUMNOS MILITARES**

## **GRAVISSIMO**

### **OS FACTOS DE HONTEM**

REVOLTA DOS ALUMNOS MILITARES  
COMBATE EM BOTAFOGO

TOMADA DE DELEGACIAS  
MOTINS NA SAUDE

Barricadas e trincheiras  
Assalto a casas particulares

### **MORTES E FERIMENTOS**

O nosso serviço de informações sobre as a impedir a passagem da cavalleria. Cere- após uns cinco a seis minutos de resis- acionando-se primeiro a Dr. Brago Barros, occorências que desde sexta feira se desen- roças e bombas serviram de trincheira- tencia e de taboalho nas ruas proximas, representando da Companhia do Saz. roçam na cidade foi interrompido na 2 hora- Numa guerra, honre, verdadeiros com- por onde de novo se agruparam. O conflito da rua de Regente



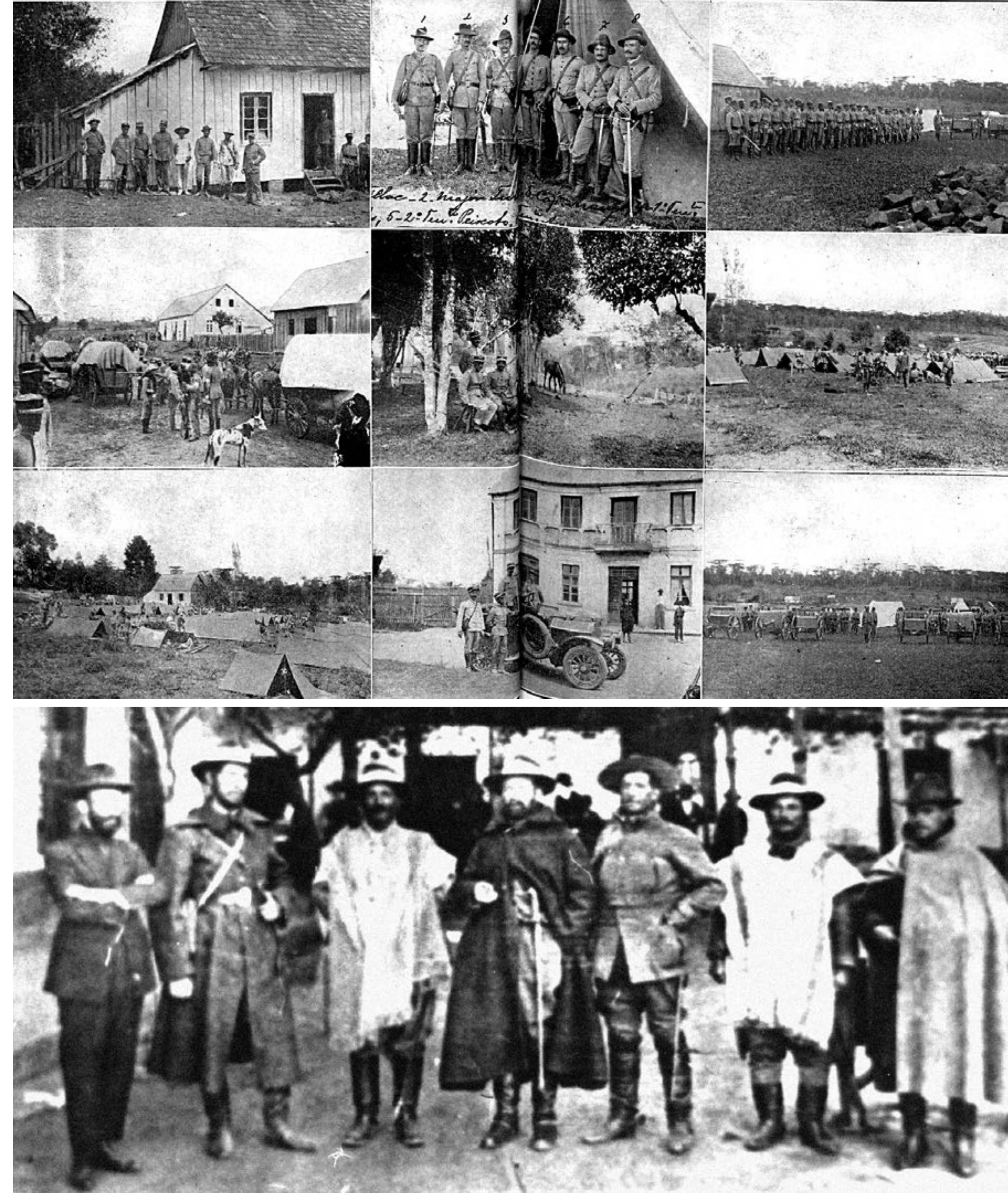
Outro aspecto da Praça da Republica, esquina da rua da Alfandega







Em diferentes regiões, problemas relativos aos ajustes sociais explodiram. No Nordeste o cangaço avançou exigindo intervenção federal para que fosse contido. Com viés religioso, em várias partes do Brasil surgiram levantes que questionavam a República, como foi o caso de Padre Cícero no Nordeste, do Contestado no Sul. Além desses, manifestações políticas de vocação separatistas também afloraram expressões questionadoras da integração nacional, como o caso de Chimangos e Maragatos no extremo Sul.







## MARCHA DA COLUMNA PRESTES

IMPORTANTE DISCURSO DO DEPUTADO BAPTISTA LIZANDO

de se acham, na hora presente,  
forças de Prestes e Miguel Costa

O telegramma de Geraldo Rocha  
offerecendo 500 contos aos patriotas

TADO FRANCISCO ROCHA, IRMÃO DE GERALDO, CONFIRMA A AUTHENTICIDADE DO DESPA-  
CHO LIDO PELO REPRESENTANTE GAUCHO — UM APARTE DO SR. VILLOBOIM —  
A COLUMNA "PEDRO DIAS"



Proclamada a República pelos militares, a corporação sempre se viu responsável pelo processo político que queria tutelar. Em 1922, no Rio de Janeiro e em São Paulo, houve manifestações de jovens oficiais inconformados com a prática política orientada pelas oligarquias. O "Tenentismo", como era chamado esse levante, se projetou em outro movimento, a Coluna Prestes, uma marcha composta por mais de 1.500 pessoas e que, entre 1925 e 1927, percorreu o país.





# 1922

## SEMANA DE ARTE MODERNA

No centenário da Semana de Arte Moderna de 1922, muito foi falado sobre a modernização da cultura brasileira a partir do movimento atribuído a uma parcela da elite paulista. Com apresentações polêmicas, no carnaval de 1922, artistas de diversos campos exibiram, no Teatro Municipal de São Paulo, resultados de diálogos promovidos com o que se supunha a vanguarda europeia. Com ousada ironia e pretensão, alguns mitos fundadores da cultura brasileira foram revistos, pretendendo uma refundação do Brasil a partir de releituras históricas.







Lembro minha  
obrigação  
absoluta não  
adormecer  
ao amor

WIRATINI

WIRATINI

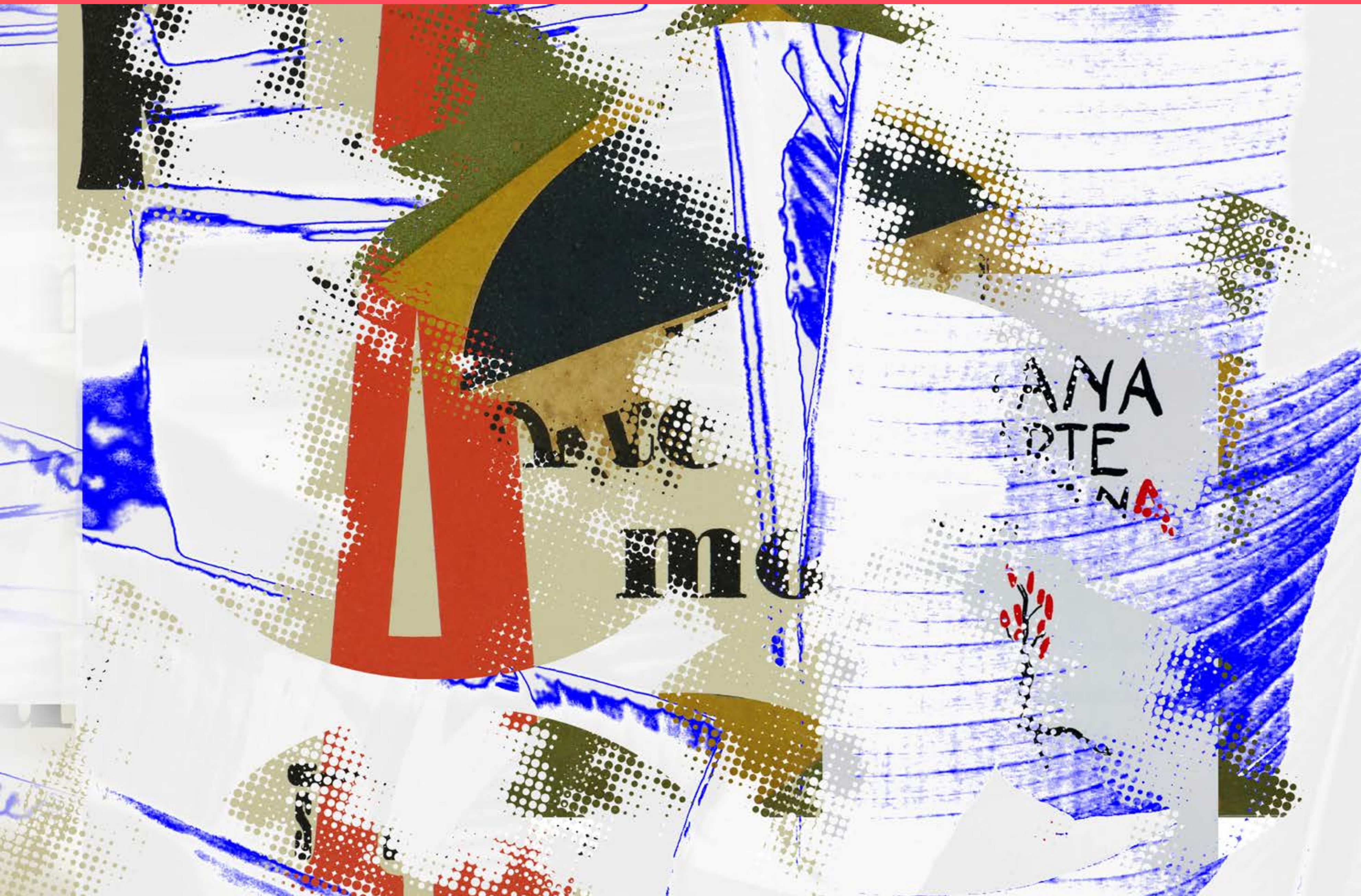




## Modernismo Paulista, ruptura?

O fundamento histórico dos modernistas reviu tradições e elaborou novo programa, negando, contudo, a trajetória de intelectuais como Lima Barreto, Euclides da Cunha, Monteiro Lobato. Figuras expressivas do mundo artístico foram relativizadas como Chiquinha Gonzaga, João do Rio, Augusto dos Anjos, Cruz e Souza, Olavo Bilac, Coelho Neto, entre outros. Na mesma sequência, alguns modernismos regionais foram relativizados como se tudo dependesse de São Paulo, que funcionaria como metáfora do progresso.





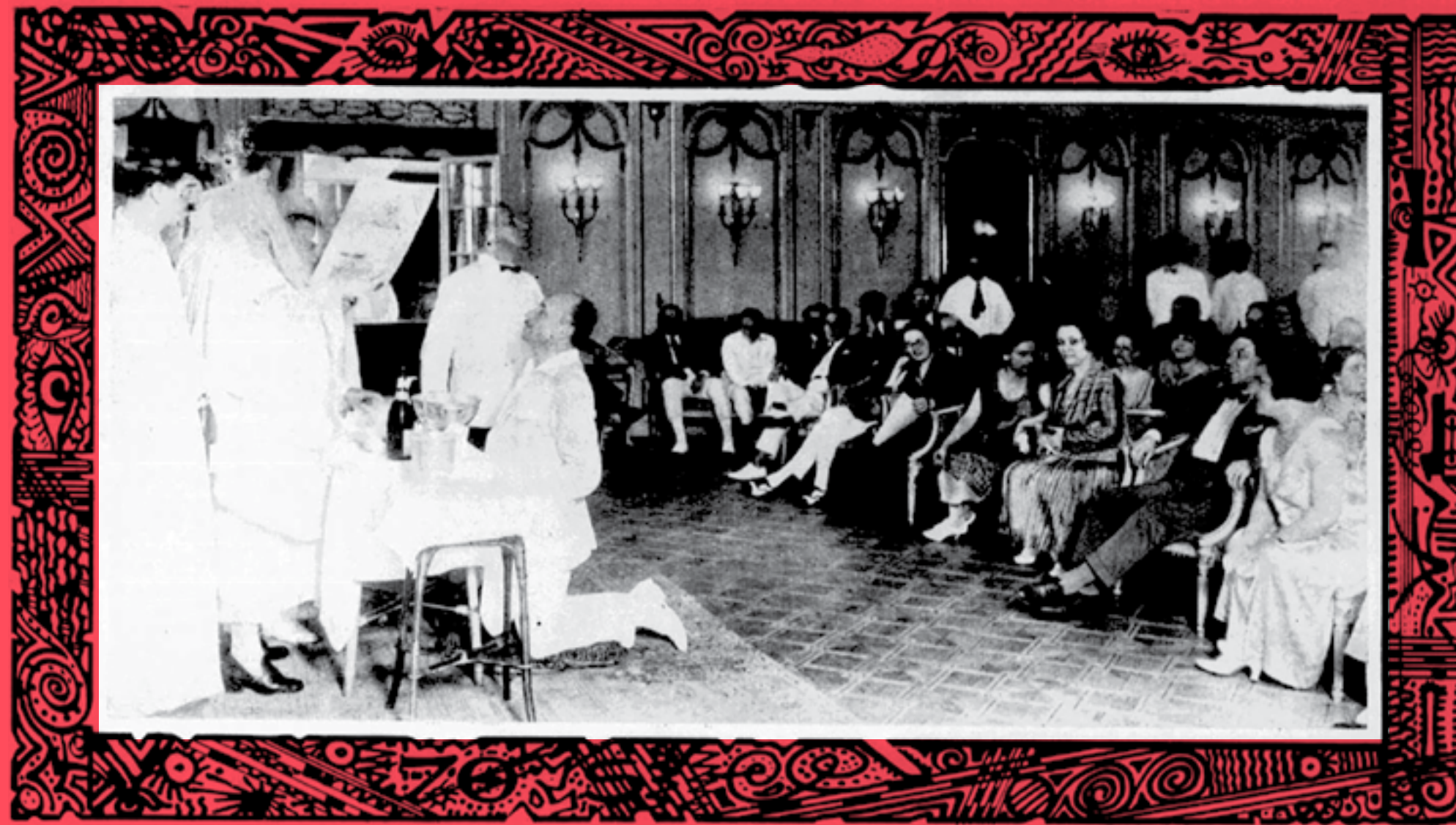
## O programa Modernista

Forjando um viés nacionalista, tentou-se a inversão de valores estéticos fundamentados no mito da antropofagia indígena. Indicando novo papel no cenário moderno, projetava-se o brasileiro como uma utopia capaz de devorar modelos exóticos.



## Marinetti e o Modernismo: o pai tirano

Marinetti, pensador italiano, publicou em 1909 o Manifesto Modernista, texto que serviu de base para o programa de renovação estética que marcou o modernismo. Ao pregar a destruição do passado, pretendia revolucionar o presente com elogio à guerra, à máquina, ao progresso urbano industrial. Da teoria à prática, suas propostas fundamentaram o fascismo.



Em cima, a bordo do transatlântico que nos trouxe o poeta orador, no instante em que elle recebia o seu baptismo á passagem da linha metaphysica. É uma cerimonia um pouco mais antiga do que o Futurismo, mas tão divertida quanto o Futurismo.

M  
A  
R  
I  
N  
E  
T  
T  
I

Em baixo, Marinetti, entre Sua Senhora e Graça Aranha, *posa* junto dos Futuristas Brasileiros e de outras pessoas sem escola. De braços cruzados. De jaquinha preta. De bigode. É até condecorado. Convenhamos que essa photographia é uma decepção. A gente esperava-o, pelo menos, nú...

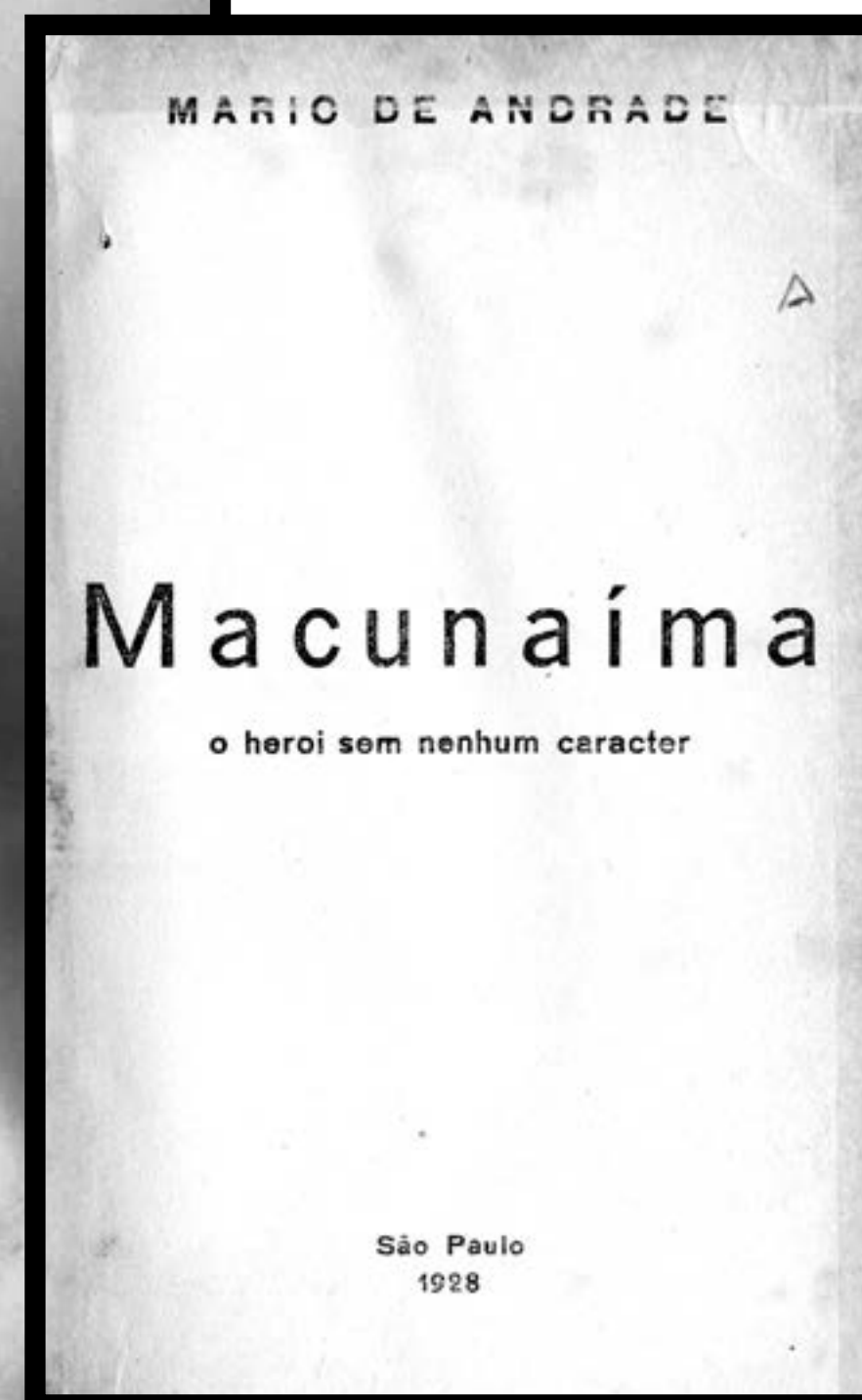






## Mário de Andrade, o xamã do Modernismo brasileiro

Criador do personagem Macunaíma "herói sem nenhum caráter", em livro do mesmo nome, publicado em 1928, Mário de Andrade renovou a percepção da cultura e dos nossos tipos populares. Além de escritor, foi poeta e crítico, gestor cultural e um dos responsáveis pela organização sistemática de órgãos culturais.





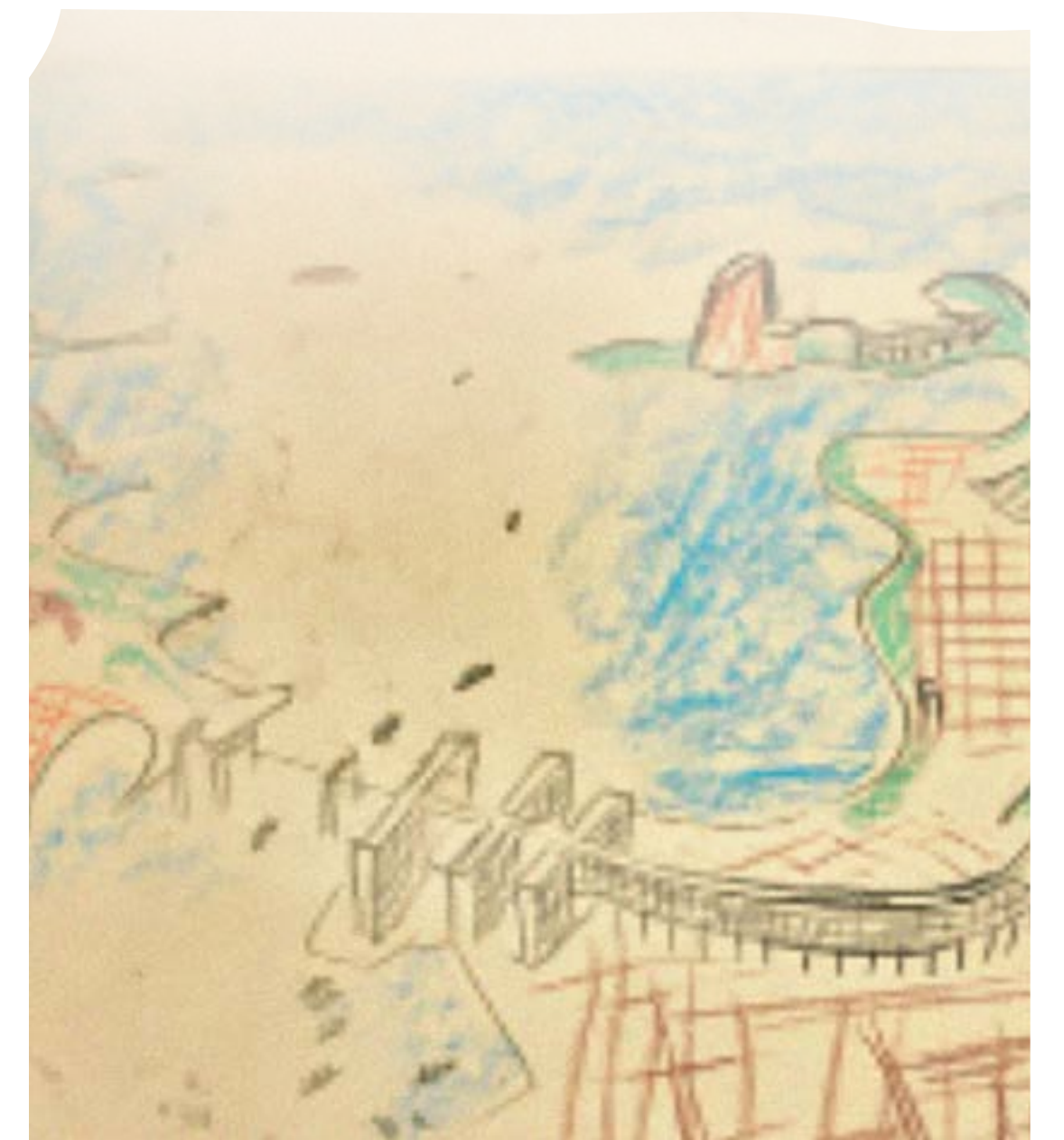
Três ensaístas marcaram a modernização crítica brasileira: Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Jr. No plano cultural outros intelectuais atuaram na formulação de políticas ligadas ao desenvolvimento nacional. Figuras como Josué de Castro, Celso Furtado, Milton Santos, Anísio Teixeira, Paulo Freire, Bertha Lutz, Pagu, entre outros, renovaram os exames sobre o papel do Brasil no cenário cultural moderno.







Desdobramentos do movimento modernista permitiram diálogos com outros intelectuais do mundo. Com destaque à criação da Universidade de São Paulo, em 1934 que trouxe missões estrangeiras para renovar o ensino superior, entre outros contatos, Le Corbusier, arquiteto francês, expoente do modernismo, fez projetos para o Rio de Janeiro, marcando a dimensão urbanística revolucionária do que seria uma nova era.





## Hoje como antes: a Semana de Arte Moderna presente

A celebração do centenário motiva  
repensar os valores propostos em  
1922: afinal, quem somos?!







## A Revolução de 30 e a segunda geração modernista

No plano político, no Brasil, severas transformações marcaram uma nova fase marcada pelo fim das oligarquias então dominadas pela alternância de paulistas e mineiros no poder. Depois da primeira fase do Modernismo, em termos de arte, nova etapa foi aberta, consolidando-se os propósitos levantados pelos pioneiros. Carlos Drummond de Andrade, José Américo, Candido Portinari, Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos, Rodrigo Mello Franco de Andrade, Mário Peixoto, Oscar Niemeyer foram alguns destaques.





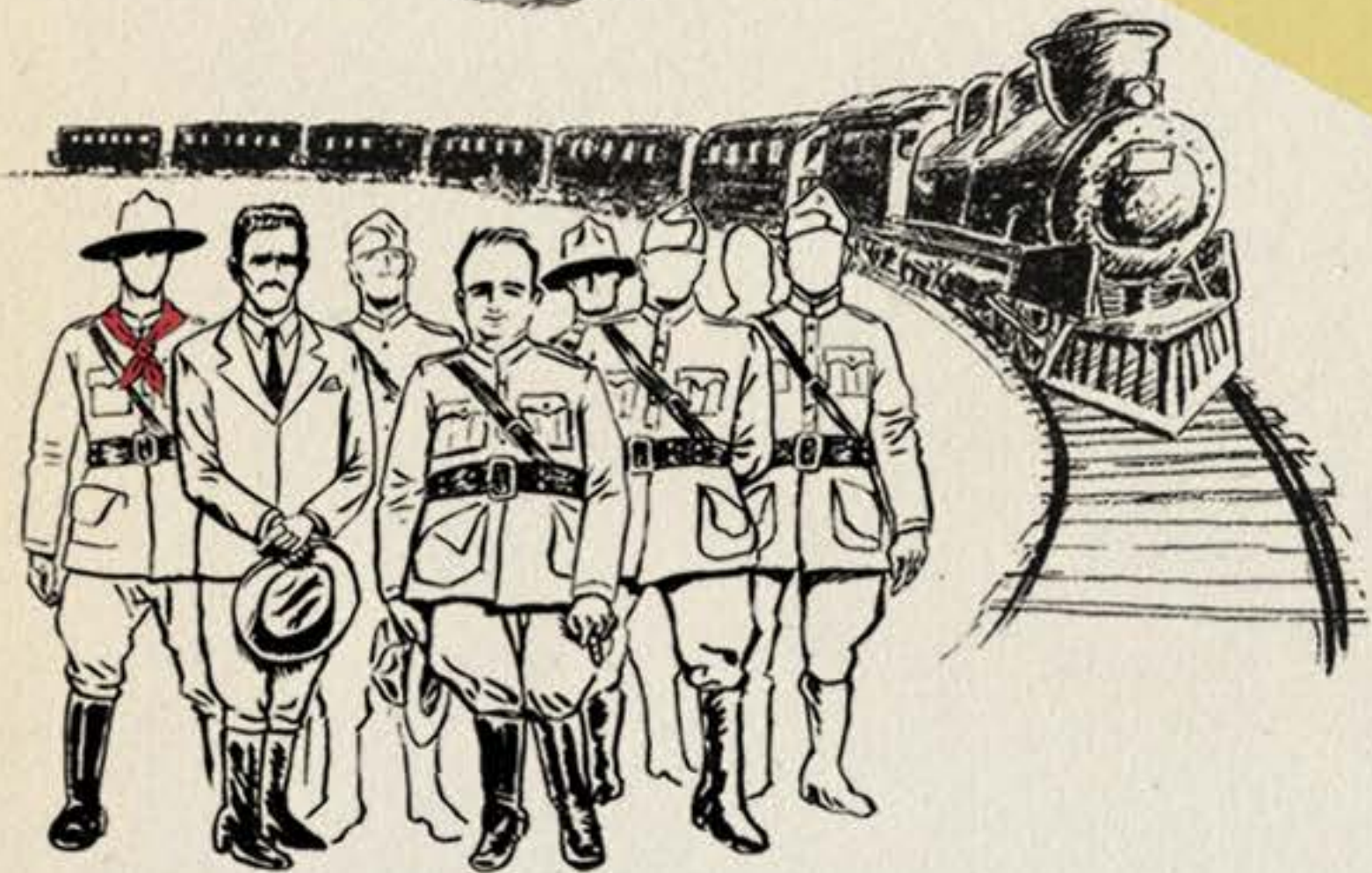
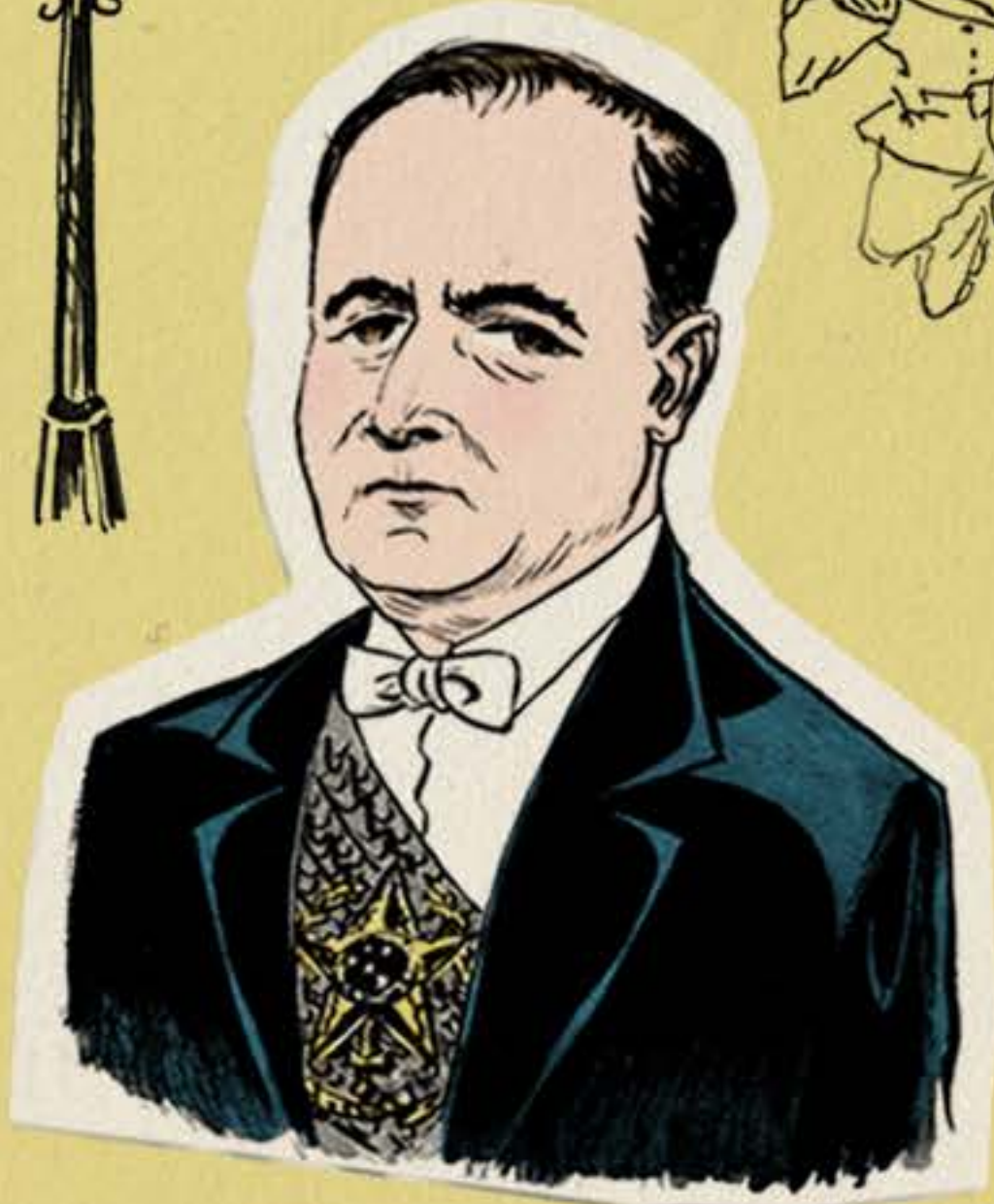
# VARGAS NO PLURAL



A chamada Era Vargas foi um período conhecido pela modernização política e social do país. Em diferentes áreas da experiência nacional, transformações radicais trataram de compensar o atraso brasileiro, em particular em relação ao progresso sócio industrial. Houve dois governos Vargas, um primeiro de 1930 a 1945 e outro de 1951 a 1954.

A primeira etapa foi dividida em três períodos distintos, a saber: estabelecimento provisório (1930 a 1934); etapa Constitucional (1934 a 1937) e Estado Novo (1937 a 1945). Depois do fim da Guerra, foi eleito o General Eurico Dutra para, em nova eleição, Getúlio voltar pelo voto popular.





Presidente Getúlio Vargas



Estalou um movimento de caracter comunista no norte do país







Graves acontecimentos ocorreram no primeiro mandato de Vargas: a Revolução Paulista (1932), a Constituição (1934), o ingresso do Brasil na Guerra (1942) e a criação da CLT (1943), favorecendo a organização dos trabalhadores.







Em 1937, Vargas decretou o Estado Novo, período ditatorial com notada influência dos países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão). A declaração da Segunda Guerra Mundial pressionou o governo brasileiro a se repositonar. De início, optou-se pela neutralidade em ambíguo jogo duplo. O ataque a cinco navios brasileiros em 1942, contudo, fez com que o Brasil declarasse apoio aos Estados Unidos, e em troca o governo norte-americano emprestou 20 milhões de dólares para a construção da Companhia Siderúrgica Nacional.



O legado varguista causou controvérsias projetadas no futuro da nossa política.

SOBRE A FRANÇA OCUPADA AS FORTALEZAS VOADORAS!

# A furia do Eixo contra o Brasil

ANO XXXII Rio de Janeiro, — Terça-feira, 18 de agosto de 1942 N. 10.963

Providências que estão sendo estudadas e terão pronta execução

## A NOITE

SEMPRE DOMINANDO O CALÇADO FAMOSO

ANDRÉ CARRAZZONI Diretor CYPRIANO LAGE

Empresa A NOITE — Superintendente: LUIZ C. DA COSTA NETTO

Redação e oficinas: PR AÇA MAUÁ, 7 — Telefones: Mesa de ligações internas: 23-1910. — Informações: 23-1556 — Cartão-reporter: 23-4090

### Aviões em busca dos naufragos dos cinco navios torpedeados

Os sobre-ventos que estão chegando a Sargipe... "Como vê, eu vibro de indignação!" — exclama com discurso ao povo o interventor Cordero de Farias — Repercussão dos brutais episódios no exterior — Mensagem do presidente do Uruguai ao do Brasil — Fala à NOITE a família do comandante do "Bassendi" — Outros pormenores

**A NOITE DOMINICAL**  
ANO XXXI — Rio de Janeiro — N. 10.795  
Domingo, 1 de março de 1942

**Quase trezentos nadadores na grande prova de nataçao A NOITE - Às 8 horas e 30 minutos da manhã de hoje a sensacional largada**

## Prossegue a tremenda batalha naval

Postos fora de ação já o cruzador pesado japonês "Mogami" e outras belonaves menores — Computa-se de 40 transportes a frota nipônica que tentava investir sobre Java — MacArthur mantém as posições ultimamente conquistadas

WASHINGTON, 28 (R.) — É a segunda vez da campanha da Marinha: "Extrema Oriental" — No decorrer do dia de ontem a ação mais importante ocorreu no local em que se dirigem navios alemães, holandeses, britânicos, australianos e norte-americanos transportando com o auxílio de uma força aérea muito maior, o ponto de partida de guerra compreendendo 40 transportes que tentavam prosseguir um desembarque de tropas na costa norte de Java, e que não lograram fazer essa tentativa.

## RECORDAÇÕES DO TRAIÇOEIRO ATAQUE AO "TAUBATÉ"

O tripulante Armando Cabral exhibe à NOITE pedaços da couraça do navio perfurados pelos projéteis alemães — Elogiando a calma e o destemor do comandante Mario Tinoco — Um apelo à direção do Lloyd Brasileiro

Capturada uma frota mercante aliada, diz Tóquio

DESEMBARCAR EM JAVA DANDOENG, 28 (U. P.) — Urgente — A Agência Antea informa que os japoneses efetuaram o desembarque de tropas em Java.

Por três pontos... (Telegrame no 10º página)

SOVA YORN, 28 (R.) — O sistema de controle de fogo... (Telegrame no 10º página)



Em 1939, sob o Estado Novo, o governo criou o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) para controlar a cultura nacional e divulgar os programas do governo. Intensa propaganda governamental orientava a cultura que deveria ser construída em cima de valores cívicos, segundo modelos autoritários europeus, italianos e alemães.

## A Comemoração do DIA 1º de MAIO





# O PETRÓLEO É NOSSO!



HOJE  
Carmem MIRANDA  
Arca



A Nação exige os nomes dos assassinos



MATOU-SE VARGAS!  
O PRESIDENTE CUMPRIU A PALAVRA:  
"SO MORTO SAIREI DO CATETE!"

ULTIMO BILHETE DE GETULIO  
GETULIO VARGAS SUICIDOU-SE  
Extra

Saio da vida para entrar na história...



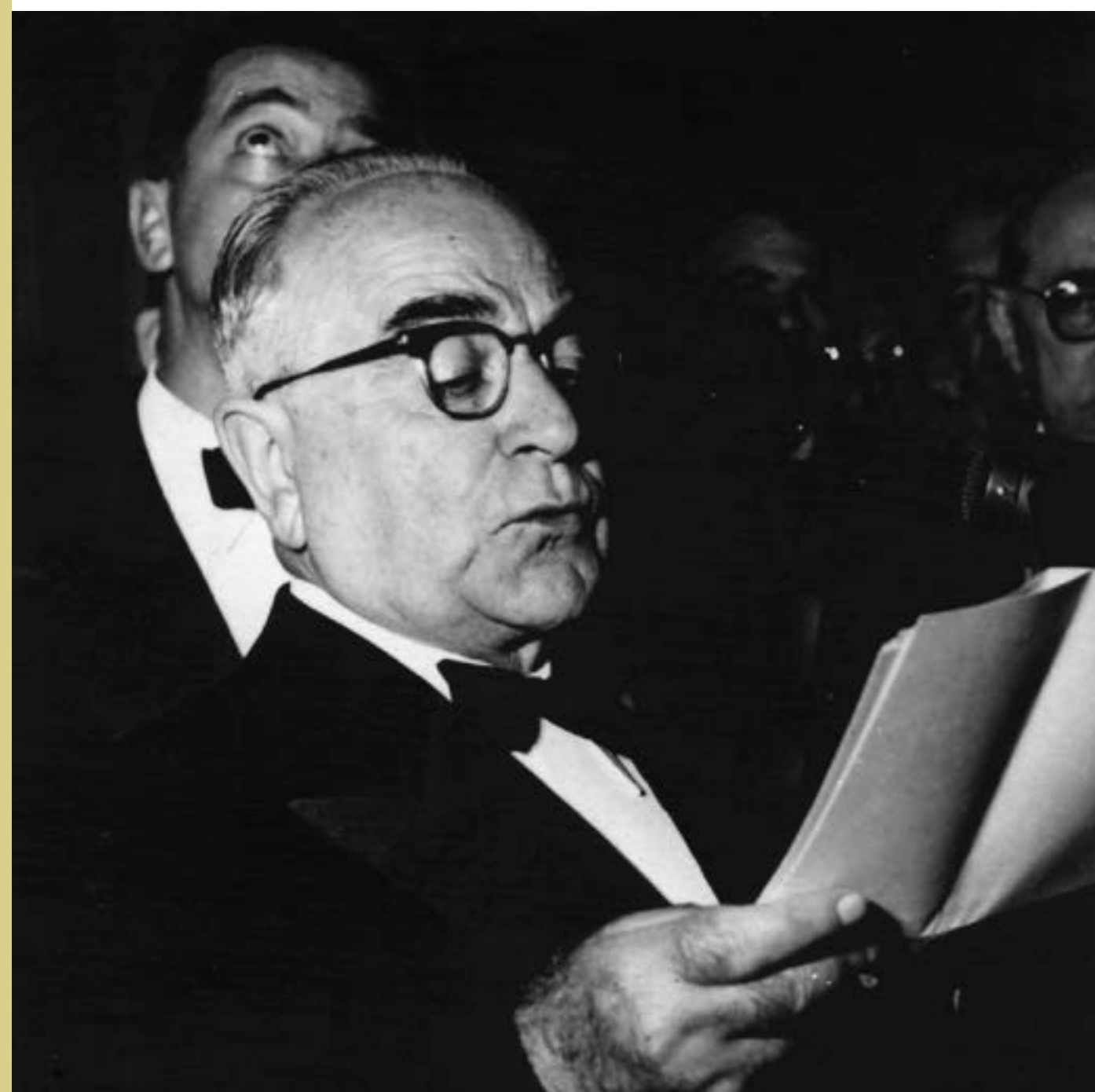
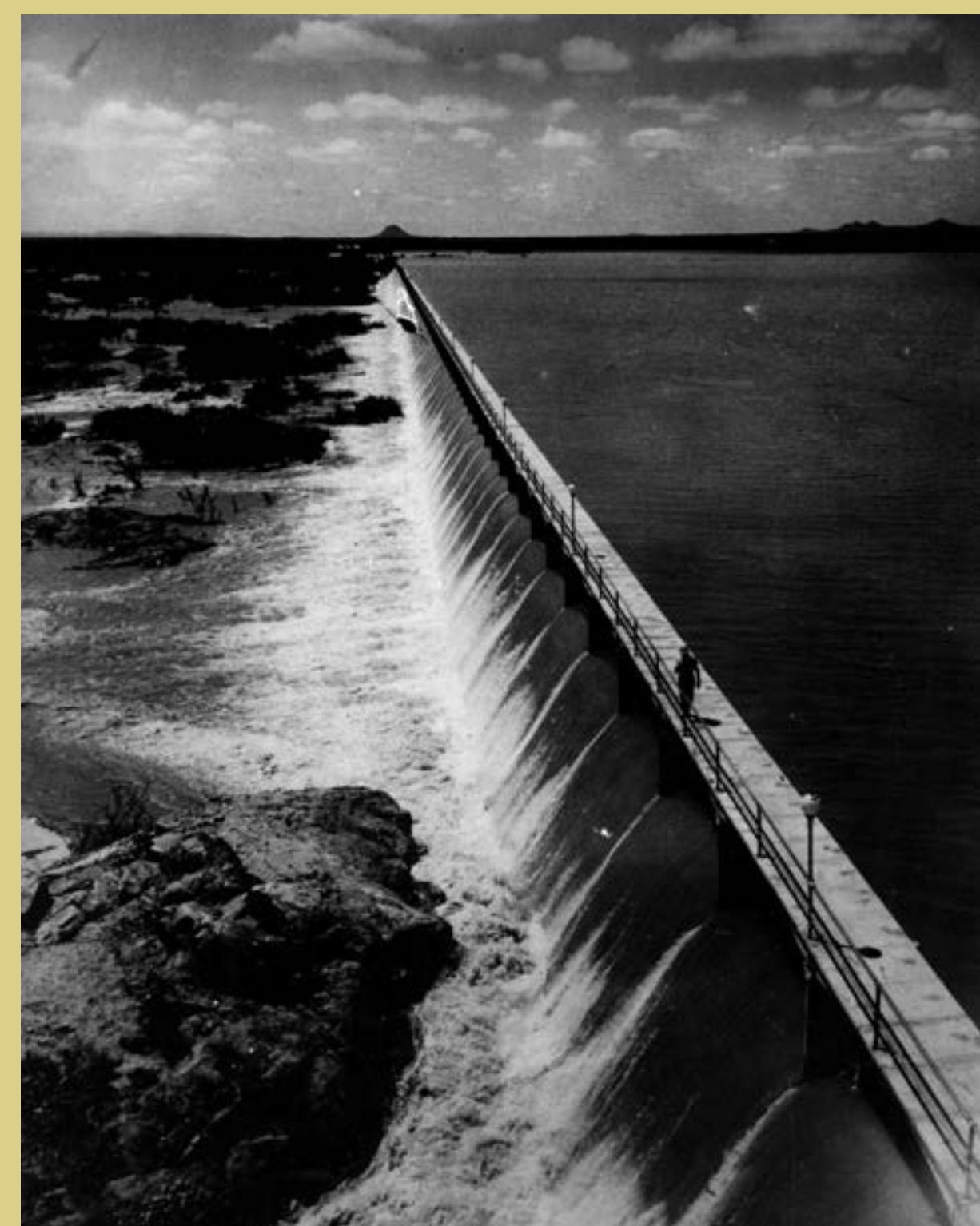
AGRAVA-SE A CRISE MILITAR COM A FUGA DE VARGAS







Conhecida como fase democrática, o segundo governo Vargas passou por tensões comandadas por políticos conservadores que acabaram por inviabilizar projetos de governo. Contudo, Vargas avançou no plano industrial com a criação da Petrobras, Eletrobras, a construção do segundo forno da CSN, entre outros feitos. Forte oposição conservadora, liderada por nomes como Carlos Lacerda, trataram de obstruir avanços, condição que levou Vargas ao suicídio.





# JUSCELINO, JÂNIO E JANGO

## CONTINUIDADE E RUPTURAS

No processo de modernização política do Brasil, como teria sido tratada a herança de Vargas? O legado da industrialização varguista impôs graves desafios que exigiam capitais e tecnologias capazes de impulsionar o desenvolvimento.



Três  
homens  
e um  
momento  
histórico

A Capital que JK construiu e inaugurou a 21 de abril de 1960 viveu o seu segundo grande dia, com a cerimônia da primeira posse presidencial. Posse de um Chefe de Estado eleito no mais livre de todos os pleitos da nossa história política. O Sr. Juscelino Kubitschek de Oliveira saiu. O Sr. Jânio Quadros entrou. E o Sr. João Goulart continuou. Pela primeira vez desencontraram-se os naipes políticos: o Presidente e o Vice-Presidente saíram de chapas opostas. Tudo isso é sinal dos tempos novos do Brasil, uma democracia que se consolidou.

# A PRIMEIRA POSSE EM BRASÍLIA





REFORMA - AGRARIA O MAIS  
CON FIDELY POR CUBA  
CAM SINOS DEL TI

CONIA

TERRA PRA QUEM TRABALHA

MISS WAGNER





## JK

A partir do estado de Minas, desde 1956, Juscelino despon-  
tou como continuador da políti-  
ca desenvolvimentista her-  
dada de Vargas, com especial  
atenção na indústria. O perí-  
odo JK foi marcado por avan-  
ços políticos liberais, com forte  
destaque para o setor auto-  
motivo e a construção de es-  
tradas e infraestrutura urbana.  
A mudança da capital do Rio  
de Janeiro para Brasília, coroou  
um projeto sintetizado no lema  
"50 anos em 5". Em eleições  
conturbadas, JK foi substituído  
por Jânio Quadros.





## removê-lo a . Cordeiro

uma séria crise. Darei detalhes  
leamto, nem confirmo minha  
na noite de ontem, o governa-  
conferenciado longamente com  
e ter se avistado ilgeramente  
das Forças Armadas, general  
ao Palácio Guanabara Inespe-  
onde estava o governador e seu  
tantes da Frente Revolucionária  
ando-se antes do fim da reunião.  
tanceu até à manhã de ontem  
do, pela madrugada a dentro,  
ndo criticou a política externa  
por ele que esta não era de sua  
ava com a interferência do go-  
la exclusiva do Poder Central e  
Lacerda desse tratamento rude  
Brasil, no Rio, o que motivou  
Após isto, o sr. Carlos Lacerda  
to Lúcio Cardoso sua decisão  
do.

### EM BRASÍLIA

tomou qualquer deliberação oficial.  
Esta reunião realizou-se pela ma-  
nhã, após o que o deputado Adal-  
to Lúcio Cardoso embarcou pa-  
ra o Rio, juntamente com o depu-  
tado Menezes Cortes, que deu, ve-  
ladamente, informações sobre a  
crise e suas proposições.

### SÉRIA CRISE

Na tarde de ontem, o sr. Carlos  
Lacerda declarou que a crise  
continua na página

JQ COM "CHE"



O presidente cumprimenta o líder revolucionário cubano, logo  
após conceder-lhe a Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul

## JÂNIO

O curto tempo do governo de Jânio Quadros, 7 meses, o projetou como político indeciso, inclinado a polêmicas e sem programa de desenvolvimento. Com atos ambíguos, propôs uma agenda de reforma de costumes e no plano internacional, em plena Guerra Fria, visitou Cuba, apoiou seu ingresso na OEA, condecorou Che Guevara e enviou o vice-presidente, João Goulart, à China. Depois de tentativa de golpe, foi afastado do governo. Após a renúncia, em 1961, o vice-presidente assumiu.





# JANGO

Retomando a política varguista, João Goulart deu continuidade às Reformas de Base e implementou apoio aos programas operários. O progresso dos sindicatos assustou os segmentos conservadores que trataram de promover a deposição de Jango. Com intensa campanha conservadora, a direita civil, em comunhão com os militares, deu um golpe que marcou o destino do Brasil de 1964 a 1985.



## Jango Desceu na China Pisando Tapete Vermelho

PEQUIM, 14 — A China comunista estendeu, ontem, um tapete vermelho para receber o vice-presidente do Brasil, sr. João Goulart, que chegou, de avião, a esta capital, juntamente com os membros da missão comercial brasileira, atendendo a um convite do vice-presidente Tun Pi-Wu.

Goulart foi, mais tarde, convidado de honra no banquete oferecido pelo sr. Tung Pi-Wu, que, em discurso proferido na ocasião, salientou serem a China e o Brasil grandes países amantes da paz e que suas relações amistosas estavam crescendo a cada dia.

**ELOGIOS AO BRASIL** — Tung Pi-Wu elogiou as numerosas realizações do povo brasileiro na construção de seu país e na luta pela paz mundial e a cooperação internacional.

— Os esforços do governo brasileiro na sustentação da independência nacional dos países latino-americanos e na promoção da solidariedade entre os mesmos e a sua repetida manifestação em favor

da sustentação dos direitos do povo cubano à autodeterminação e em manter o princípio da não-intervenção, têm sido aclamados e elogiados (Conclui na 9ª página)

## Juscelino Diz Que Não Foi Perseguidor



# JANGO

## DEFINIÇÃO DIANTE DA CRISE

O PRESIDENTE DENUNCIARÁ TANTA TRANQUILIDADE E COM TANTA TRANQUILIDADE? NO BRASIL NÃO HÁ UMA CRISE, MAS VÁRIAS CRISES QUE SE ENCAMISSAM OU VIRÃO AS REFORMAS, OU VIRA O CAOS

— Estamos vivendo, neste momento, o mais grave crise por que já passou o Brasil em toda a sua história republicana. Caminhamos, aceleradamente, para um desfecho que, se não for evitado a tempo, virá abalar, em termos definitivos e imprevisíveis, a própria estrutura da nação, comprometendo todos os seus atuais conquistas e arruinando os seus maiores potencialidades futuras.

Quem assim se exprime, em linguagem franca e incisiva, é o Presidente João Goulart, decidido, ainda uma vez, a fazer uma séria advertência à opinião pública e a todos os setores responsáveis do país. De novo encontrado com o chefe do governo, resultou a importante pronunciamento que aqui divulgamos, e que está certamente destinado a alisar o mais amplo repescamento. O Presidente João Goulart dispõe-se a falar claro, desvendando as perspectivas que, a seu ver, se abrem, neste hora, para o Brasil. Sem concessões constitucionais, mas ao contrário, e em um só tempo, uma limpa definição de princípios e um impressionante depoimento sobre as dificuldades que o governo está enfrentando, enquanto experimenta, no mesmo passo, mais um apelo — talvez o último, tal o dramatismo em que está vezado — à consciência nacional, dirigida, sem distinção, a todos os brasileiros bem intencionados.







# DITADURA

O golpe militar de 1964 teve três fases principais, a primeira até 1967 com proposta de “legalização” autenticada por um projeto constitucional; a segunda de “recrudescimento” ou afirmação, de 1969 a 1978 e finalmente de “abertura” de 1979 a 1985. A segunda etapa foi a mais fechada com prisões, torturas e exílio. Os 21 anos dessa ditadura acabaram com um pacto de anistia.

Casos de torturas, desaparecimentos, e exílios marcaram os anos de recrudescimento autoritário e ultraconservador. Assumindo a tutela da República como produção corporativa, os militares forçaram a saída do país de políticos, artistas, líderes operários, jornalistas e demais desafetos.









## Anos de Chumbo

O peso da ditadura fez com que surgissem movimentos contrários que se manifestaram em diferentes níveis. Artistas, jornalistas, intelectuais, trabalhadores se organizaram dando corpo à crescente oposição que, afinal, resultou na campanha das "Diretas Já". Sob censura, uma criativa onda de críticos, em diferentes mídias, manifestou opiniões. Entre tantos, Henfil e o "Pasquim" se destacaram.







## Diretas Já

O movimento "Diretas Já" foi uma manifestação de intenso apelo popular, resultante do esgotamento dos mandos militares. O General Geisel (1974 – 1979) propôs uma "abertura: lenta, gradual e segura", resposta às pressões gerais. A Lei de Anistia de 1979, as eleições para governadores em 1982 e as de 1985 para presidente, tiveram na Constituição de 1988 a conclusão de um ciclo democratizante. Os enormes comícios populares garantiram o fim da ditadura e impuseram nova fase democrática ao Brasil.





# UTOPIAS BRASILEIRAS

## SAMBA, FUTEBOL, CAPOEIRA, FEIJOADA E CAIPIRINHA

Afinal, o que nos distingue como brasileiros? Quais as manifestações culturais que caracterizam nossa experiência histórica? Algumas expressões de nossa cultura marcam presença, definindo quem somos e quais os efeitos de nossa trajetória histórica. E como isso se projeta no popular? Que indicações artísticas se presam a responder a isso? Além do samba, outros ritmos caracterizam nossa diversidade musical.











O futebol e a capoeira completam manifestações que exigem movimentos com as pernas e com o pé.





A feijoada e a caipirinha se relacionam com o paladar, e em conjunto essas características nos distinguem propondo um grupo diferenciado no conjunto das nações. A tal ponto isso é elevado que há quem garanta que a felicidade é brasileira.





# DESEMBARQUE

## E AGORA, BRASIL?

Entre “Deitado eternamente em berço esplêndido” e ser o “País do futuro”, os meandros do percurso histórico brasileiro se apresentam como originais e desafiadores. Duas possibilidades polarizadas se abrem frente o futuro: uma aponta para uma espécie de apocalipse implicando a destruição da natureza, o caos e o fim, e, outra uma redenção utópica com saídas que afinal justificam no percurso original de nossa cultura e atestam o otimismo nacional.









# ALÉM DO OFICIAL

A historiografia nos faz, muitas vezes, repetir a mesma fórmula. Antes de desembarcar deste trem, deixo aqui três provocações que questionam o que aprendemos na escola.

## Brasil ou Pindorama?

Pindorama é uma referência seminal para a minha geração. Se não fossem os hippies dos anos 1970, alimentados por Oswald e Mário de Andrade e Villa-Lobos, pouco saberíamos dos povos originários. Viramos Brasil em homenagem ao nosso primeiro produto de exportação, o pau-brasil. O nome é uma construção ligada ao processo de ocupação desse vasto território desde o Tratado de Tordesilhas, ampliada pelas entradas e bandeiras e pela compra do território do Acre. Em Teresópolis, na infância, passava as férias na rua Pirapama esquina de Paranapanema, hoje nome de dois cidadãos anônimos. Pirapama e Parapanema vão sendo expulsas do nosso vocabulário. Assim caminha a História.

Por que não morar em Pindorama, nome pelo qual alguns povos originários

chamavam o litoral do país? A palavra vem do tupi e significa região das palmeiras. E por que não trocar a América eurocêntrica por Abya Yala, “terra de sangue vital” na língua kuna? Coloco aqui a possibilidade de caminharmos rumo a uma nova forma de ocupação territorial com qualidade de vida, bebendo na fonte do saber ancestral.

## 1808: primeira monarquia na América?

Ora, nós que estudamos o continente americano, sabemos que em outras partes desta grande pátria houve outros impérios antes de 1808, quando a corte de D João VI desembarcou no Brasil. Incas, Maias e Astecas eram povos orgulhosos da sua organização de Estado. Precisamos reconhecer a existência de estruturas de poder centralizadas nos nossos vizinhos. Quando os espanhóis chegaram à América, a civilização esteca estava em seu auge. Dois anos depois, seu centro mais importante, Tenochtitlán, a atual Cidade do México, estava dominada pelos invasores.



## Gegê e os 3Js?

A presença de Getúlio Vargas na política brasileira não se restringe aos dois momentos em que ocupou o poder. Vargas organizou o Estado, estendeu os Institutos de Aposentadoria a várias categorias, criou a CSN, a Eletrobrás, a Petrobrás, a Fábrica Nacional de Motores e, mesmo depois de morto, continuou dando as cartas por muito tempo. E foi também um ditador feroz, que deixou marcas profundas na democracia brasileira. Um Vargas que não deixa saudades. É uma história que os varguistas até hoje tentam mandar para debaixo do tapete, para ficar só com o presidente desenvolvimentista.

Vargas se prolonga nos governos Juscelino Kubitschek e João Goulart. JK lançou-se candidato em uma onda renovadora. Já havia se aproximado de Vargas sendo solidário ao ex-presidente até os últimos momentos. Sabia que sem os votos de Vargas jamais seria eleito. O PTB indicou Jango, herdeiro político de Vargas, para seu vice e com a aliança PSD/PTB, a UDN novamente foi derrotada. De 1955 a 60, o Brasil se modernizou ainda mais. Uma prolongação do varguismo e não uma alternativa a ele.

Novos tempos, novas pautas: nacional desenvolvimentismo, reforma agrária. A vetusta UDN teria que conseguir alguém imbatível fora dos seus quadros. Foi buscar seu candidato em São Paulo e encontrou o excêntrico Jânio Quadros, mais conhecido por suas esquisitices do que por obras ou atos administrativos. Disposto a ser eleito pela UDN, mas não querendo ser seu prisioneiro, fomentou a dobradinha Jan/Jan, Jânio Jango, em eleições solteiras.

Juscelino fez o Plano de Metas, transferiu a capital e desenvolveu o país. Jango desenhou as Reformas de Base e os direitos sociais. Não há nenhuma semelhança entre a ação política de Juscelino, um empreendedor, e a de Jango, um reformista, com a de Jânio, que não fez nada de relevante no campo político no pouco tempo em que governou.

*Silvio Tendler*  
*Cineasta e Curador*



# Legendas

- 1 | América Invertida, de Joaquín Torres-García. Gentilmente cedida pelo Museo Torres García, 1943 Fundação Biblioteca Nacional.
- 2 | Carlos Lopes, pintura digital, 2023
- 6 | Carlos Lopes, pintura digital, 2023
- 7 | Mapa da Pangeia, de Lucas Vilas Boas. Creative Commons — Atribuição-Compartilhual 3.0 Não Adaptada — CC BY-SA 3.0
- 8 | Carlos Lopes, pintura digital, 2023
- 9 | Pinturas rupestres no Vale do Catimbau, fotografia de Adailton Medeiros de Oliveira, 2014. Creative Commons — Atribuição-Compartilhual 4.0 Internacional — CC BY-SA 4.0
- 10 | Mapa Mundi, 1674, de Giovanni Rossi. Library of Congress, Geography and Map Division.
- 12 | O desembarque dos portugueses no Brasil ao ser descoberto por Pedro Álvares Cabral em 1500, c. 1900, de Alfredo Roque Gameiro. Acervo da Biblioteca Nacional de Portugal.
- 12 | Desembarque de Cabral em Porto Seguro, 1904, de Oscar Pereira da Silva. Acervo do Museu Histórico Nacional/ Ibram.
- 12 | Brasil, c. 1556, de Giacomo Gastaldi. Acervo da
- 13 | Carta de Pêro Vaz de Caminha, 1500. Arquivo Nacional (Portugal) - Torre do Tombo.
- 13 | Primeira Missa no Brasil, 1860, de Victor Meirelles. Coleção Museu Nacional de Belas
- 13 | Artes/Ibram.
- 14 | A Primeira Missa em São Vicente, 1532, 1845, de Johann Moritz Rugendas.
- 14 | A Primeira Missa no Brasil, 1948, de Candido Portinari. Imagem gentilmente cedida pelo Projeto Portinari.
- 15 | Foto de Cássio Vasconcellos
- 15 | Varzea Landscape, 1667, de Frans Post. Acervo da Fundação Edson Queiroz (Espaço Cultural Unifor).
- 15 | View of Rio de Janeiro [Vista do Rio de Janeiro], 1837, de Thomas Ender. Acervo da Akademie der bildenden Künste Wien.
- 16 | Caboclo, 1834, de Jean-Baptiste Debret. Acervo dos Museus Castro Maya/Ibram. Fotógrafo: Horst Merkel.
- 16 | Mr. Samuel's three slaves, 1825-1826, de Charles Landseer. Coleção Highcliffe Album/Acervo Instituto Moreira Salles.
- 16 | Slave labourer, 1825-1826, de Charles Landseer. Coleção Highcliffe Album/Acervo Instituto Moreira Salles.
- 16 | Uma vendedora da Bahia, sem data, de Rafael Castro y Ordoñez. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional.
- 16 | Masque de fer-blanc que l'on fait porter aux nègres, c. 1820-1830, de Jean-Baptiste Debret. Acervo dos Museus Castro Maya/Ibram. Fotógrafo: Horst Merkel.
- 17 | A Sugar Mill, 1816, Henry Koster (do livro "Travels in Brazil"). Imagem obtida no site do projeto Slavery Images: A Visual Record of the African Slave Trade and Slave Life in the Early Africa Diaspora.
- 17 | Punitons publiques sur la place Ste. Anne (Castigos públicos no Largo de Sant'Ana), c. 1827-1835, de Isidore Laurent Deroy, a partir de Johann Moritz Rugendas. Acervo dos Museus Castro Maya/Ibram. Fotógrafo: Jaime Acioli.
- 17 | Mineração, 1941, de Candido Portinari. Imagem gentilmente cedida pelo Projeto Portinari.
- 19 | Ciclo da caça ao índio, 1925, de Henrique Bernardelli. Acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo.
- 19 | Os Bandeirantes, 1889, de Henrique Bernardelli. Coleção Museu Nacional de Belas Artes/Ibram. Fotógrafo: Rômulo Fialdini.



# Legendas

- 19 | O Anhanguera, 1930, de Theodoro Braga. Acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo.
- 20 | Estátua de Borba Gato em chamas, 2021, fotografia de Fernando Sato do Brasil.
- 21 | Nasca mantle (The Paracas Textile), c. 100–300. Brooklyn Museum, John Thomas Underwood Memorial Fund.
- 21 | Seated Figure Censer (Incensario), século V-VI. The Metropolitan Museum of Art.
- 21 | Censer, Seated King, século IV. The Metropolitan Museum of Art.
- 21 | Vessel, Throne Scene, detalhe, século VII ou VIII. The Metropolitan Museum of Art.
- 21 | Vessel, Throne Scene, século VII-VIII. The Metropolitan Museum of Art.
- 21 | Templo de Kukulcán, fotografia de Filip Gielda, 2017, na Unsplash.
- 22 | Juliana Fervo, pintura digital, 2023
- 23 | Bonaparte, sem data, autoria desconhecida. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional.
- 23 | A New Map of the Kingdom of Portugal, Divided into its Provinces, from the Latest Authorities, 1801, de John Cary. Imagem disponibilizada para a Wikimedia Commons pela Geographicus Rare Antique Maps.
- 23 | [https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Embarque\\_da\\_Fam%C3%ADlia\\_Real\\_para\\_o\\_Brasil\\_-\\_Nicolas-Louis-Albert\\_Delerive,\\_attrib.\\_%28Museu\\_Nacional\\_dos\\_Coches%29.png](https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Embarque_da_Fam%C3%ADlia_Real_para_o_Brasil_-_Nicolas-Louis-Albert_Delerive,_attrib._%28Museu_Nacional_dos_Coches%29.png)
- 24 | [Dom João VI], sem data, autoria desconhecida. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional.
- 25 | Chegada de D. João à Igreja do Rosário, 1937, de Armando Martins Viana. Acervo do Museu Histórico da Cidade do Rio de Janeiro.
- 25 | A chegada de Dom João VI à Bahia, 1952, de Candido Portinari. Imagem gentilmente cedida pelo Projeto Portinari.
- 26 | Gabinete Português de Leitura, c. 1887, fotografia de Marc Ferrez. Coleção Gilberto Ferrez/Acervo Instituto Moreira Salles.
- 26 | Casa da Moeda a partir do Campo de Santana, c. 1885, Coleção Gilberto Ferrez/Acervo Instituto Moreira Salles.
- 26 | Faculdade de Direito do Recife, c. 1860. Imagem gentilmente fornecida pelo Arquivo da Faculdade de Direito do Recife (Arquivo CCJ - Centro de Ciências Jurídicas).
- 26 | Jardim Botânico, 1856, de Pieter Godfried Bertichen. Coleção Brasileira Itaú.
- 26 | Cortège du baptême de la princesse royale : D<sup>a</sup>. Maria da Gloria, (à Rio de Janeiro), 1839, de Thierry Frères. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional.
- 27 | Família Imperial, 1857, de François Renée Moreaux. Acervo do Museu Imperial/Ibram/Minc.
- 27 | Retrato de Dom Pedro I, 1902, de Benedito Calixto. Acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo.
- 27 | [Pedro I: Imperador do Brasil], c. 1830, a partir de gravura de Pierre Louis Grevedon. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional.
- 27 | Retrato de Dom João VI, 1817, de Jean-Baptiste Debret. Coleção Museu Nacional de Belas Artes/Ibram.
- 27 | Retrato de Dom João VI, c. 1820, de Simplício Rodrigues de Sá. Acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo.
- 27 | Princesa Isabel, 1885, fotografia de Marc Ferrez. Coleção Gilberto Ferrez/Acervo Instituto Moreira Salles.
- 29 | Renan Henrique Carvalho, acrílica sobre tela, 2023
- 31 | Carlos Lopes, pintura digital, 2023
- 32 | Aclamação de Amador Bueno, 1931, de Oscar Pereira da



# Legendas

- Silva. Acervo do Museu de Arte de São Paulo.
- 32 | *Cittá di S. Luigi, capitale del Maragnone*, 1698, de Andrea Antonio Orazi. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional.
- 33 | *Julgamento de Filipe do Santos*, c. 1923, de Antonio Parreiras. Acervo do Museu Antonio Parreiras.
- 33 | *Os Inconfidentes*, c. 1939, de Carlos Oswald. Acervo da PMMG (Polícia Militar de Minas Gerais).
- 33 | *Hospice de N. S. da Piudade a Bahia*, 1835, de Louis-Julien Jacottet, a partir de Johann Moritz Rugendas. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional.
- 33 | *Lavage du minerai d'or : de la montagne itacolumé*, 1835, de Alexis Victor Joly, a partir de Johann Moritz Rugendas. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional.
- 34 | *O Primeiro Passo para a Independência da Bahia*, 1931, de Antônio Parreiras. Acervo do Palácio Rio Branco.
- 35 | *Natália Sá Cavalcanti, nanquim, aquarela sob papel*, 2023
- 36 | *Combate entre rebeldes e legalistas na luta dos Afogados*, c. 1824, de Leandro Martins. Todos os Direitos reservados.
- 37 | *A Proclamação da Independência*, 1844, de François-René Moreaux. Acervo do Museu Imperial/Ibram/Minc.
- 37 | *Independência ou Morte*, 1888, de Pedro Américo. Acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo.
- 37 | *Sessão do Conselho de Ministros*, 1922, de Georgina de Albuquerque. Acervo do Museu Histórico Nacional/Ibram.
- 38 | *Retrato de Hipólito José da Costa*, século XIX, de Autor desconhecido. Acervo Artístico do Ministério das Relações Exteriores/Palácio Itamaraty.
- 38 | *Libertador Simon Bolivar*, 1922, de Azevedo Bernal. Library of Congress, Prints & Photographs Division.
- 38 | *Correio braziliense ou Armazém Literário*, volume 1, 1808. Fotografias da edição fac-similar, da Imprensa Oficial do Estado. Gentilmente fornecidas pela Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin.
- 39 | *Départ de la Reine : pour se rendre à bord du vaisseau Royal destiné à conduire sa Cour à Lisbonne*, 1839, de Thierry Frères. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional.
- 39 | *A abdicação do primeiro Imperador do Brasil, D. Pedro I*, 1911, de Aurélio de Figueiredo. Acervo do Palácio Guanabara.
- 40 | *Nègres a fond de calle [Negros no fundo do porão]*, 1835, de Isidore Laurent Deroy. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional.
- 41 | *Pedro Poscidônio*, pintura digital, 2023
- 42 | *Partida para a colheita do café com carro de boi*, c. 1885, fotografia de Marc Ferrez. Coleção Gilberto Ferrez/Acervo Instituto Moreira Salles.
- 42 | *Stowage of the British Slave Ship Brookes under the Regulated Slave Trade Act of 1788*, 1788. Library of Congress Rare Book and Special Collections Division.
- 43 | *Slavers Revenging Their Losses*, 1874, Horace Waller e David Livingstone. The New York Public Library Digital Collections.
- 43 | *A Slave-Shed*, c. 1883-1889, de E.J. Glave (da publicação "The Slave-Trade in the Congo Basin"). Imagem obtida no site do projeto Slavery Images: A Visual Record of the African Slave Trade and Slave Life in the Early Africa Diaspora.
- 44 | *Juliana Fervo*, pintura digital, 2023
- 45 | *A Redenção de Cam*, 1895, de Modesto Brocos. Acervo do Museu Nacional de Belas Artes/Ibram.
- 46 | *Carlos Lopes*, arte digital, lápis de cor e guache, 2023
- 47 | *Mercado de negros*, c. 1835, de Johann Moritz Rugendas. Fundo Obras Raras do Arquivo Nacional.
- 47 | *Habitation de nègres*, 1835, de Laurent Deroy. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional.
- 48 | *Mestiço*, 1934, de Candido Portinari. Acervo da



# Legendas

- Pinacoteca do Estado de São Paulo. Imagem gentilmente cedida pelo Projeto Portinari.
- 49 | Portrait of a mulatto man with rifle and sword (Mulato), 1643, de Albert Eckhout. Acervo do National Museum of Denmark.
- 49 | Portrait of a Mammeluke woman (Mulher Mameluca), c. 1641-1644, de Albert Eckhout. Acervo do National Museum of Denmark.
- 49 | O Menino, 1917, de Artur Timóteo da Costa. Acervo do Museu de Arte de São Paulo.
- 50 | Foto de Ana Carolina Fernandes
- 51 | Retrato do General Deodoro da Fonseca (ou Proclamação da República), c. 1892, de Henrique Bernardelli. Acervo da Academia Militar das Agulhas Negras.
- 52 | Natália Sá Cavalcanti, nanquim, aquarela sob papel, 2023
- 53 | Pátria, 1919, de Pedro Bruno. Acervo do Museu da República/Ibram.
- 53 | Proclamação da República, 1893, de Benedito Calixto. Acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo.
- 54 | Princesa Isabel, c. 1870, fotografia de Joaquim Insley Pacheco. Coleção Dom João de Orleans e Bragança/ Acervo Instituto Moreira Salles.
- 54 | A libertação dos escravos, 1889, de Pedro Américo. Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo.
- 55 | Renan Henrique Carvalho, acrílica sobre tela, 2023
- 56 | Greve geral em São Paulo (Cortejo de José Martinez), 1917. Coleção História da Industrialização, Arquivo Edgard Leuenroth/Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).
- 56 | 400 jagunços prisioneiros, 1897. de Flávio de Barros. Coleção Canudos (Flávio de Barros) / Museu da República/Ibram.
- 56 | Aspecto da Praça da República, esquina com Rua da Alfândega. Revista da Semana, publicada em 27 nov. 1904. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional.
- 56 | Os factos de Hontem. Gazeta de Notícias, 15 nov. 1904. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional.
- 57 | Padre Cícero. c. 1924. Autor não identificado. Todos os direitos reservados.
- 57 | Guerra do Contestado, Revista Fon-Fon, 01 jan. 1915. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional.
- 57 | Companheiros de Borges de Medeiros, 1923. Fundo Correio da Manhã no Arquivo Nacional.
- 58 | Revolução - Guanabara. Comemorações da Revolução de 1922, 1972, Fundo Correio da Manhã no Arquivo Nacional.
- 58 | Coluna Prestes, Revista O Malho, 04 jun. 1927. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional.
- 58 | Coluna Prestes, Jornal O Combate, 26 jun. 1926. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional.
- 59 | Ruth Freihof, arte digital, 2023
- 60 | Wira Tini, pintura digital, 2023
- 61 | Natália Sá Cavalcanti, nanquim, aquarela sob papel, 2023
- 62 | Ruth Freihof, arte digital, 2023
- 63 | Visita de Filippo Tommaso Marinetti ao Brasil, Revista Para Todos, 22 mai. 1926. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional.
- 64 | Mário de Andrade, 193-, de Kazis Vosylius. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional.
- 64 | Macunaíma: o herói sem nenhum caracter. São Paulo: Oficinas Gráficas de Eugenio Cupolo, 26 jul. 1928. 283 p., de Mário de Andrade. Acervo Obras Raras da Fundação Biblioteca Nacional.
- 66 | Ruth Freihof, colagem digital, 2023



# Legendas

- 67 | Foto de Antonio Scorza
- 68 | Renan Henrique Carvalho, acrílica sobre tela , 2023
- 69 | Retrato de Getúlio Vargas, 1938, de Candido Portinari. Coleção Centro Cultural Banco Do Brasil. Imagem gentilmente cedida pelo Projeto Portinari.
- 69 | Chegada ao Poder de Getúlio Vargas em 1930, Revista Careta, 8 nov. 1930. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional.
- 69 | La no Palácio das Águias, J. Carlos, Revista Careta, 30 jan. 1937. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional.
- 69 | A Lição de Pescaria, J. Carlos, Revista Careta, 27 fev. 1937. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional.
- 69 | Os Antropófagos, J. Carlos, Revista Careta, 6 mar. 1937. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional.
- 69 | Lições de Vida Prática, J. Carlos, Revista Careta, 13 mar 1937. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional.
- 70 | Sama, nanquim, aguada e colagem sobre papel, 2023
- 72 | Prossegue a tremenda batalha naval, Jornal A Noite, 01 mar. 1942. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional
- 72 | A Fúria do Eixo Contra o Brasil, Jornal A Noite, 18 ago. 1942. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional
- 72 | Presidente Eurico Gaspar Dutra (1946-1950) fora do Palácio do Catete: inaugura a usina da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), 1946. Fundo Agência Nacional / Arquivo Nacional.
- 73 | Presidente Getúlio Vargas. Fundo Agência Nacional / Arquivo Nacional.
- 73 | A Comemoração do dia 1º de Maio, Revista Fon Fon, 16 de maio de 1942. Arquivo da Fundação Biblioteca Nacional.
- 74 | Sama, nanquim, aguada e colagem sobre papel, 2023
- 74 | Presidente Getúlio Vargas. Fundo Agência Nacional / Arquivo Nacional.
- 74 | A Comemoração do dia 1º de Maio, Revista Fon Fon, 16 de maio de 1942. Arquivo da Fundação Biblioteca Nacional.
- 75 | Getúlio Vargas discursando nos festejos do centenário do Paraná, 1953. Fundo Correio da Manhã no Arquivo Nacional.
- 75 | Cartaz sobre a criação da Petrobrás, 1953, Autor não identificado. Todos os direitos reservados.
- 75 | Usina de Paulo Afonso, 1959. Fundo Agência Nacional / Jornal Correio da Manhã no Arquivo Nacional.
- 75 | Presidente Eurico Gaspar Dutra: Inauguração da usina da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), 1946. Fundo Agência Nacional / Arquivo Nacional.
- 75 | Presidente Getúlio Vargas: Visita a Fábrica Nacional de Motores, 1943. Fundo Agência Nacional / Arquivo Nacional.
- 77 | Renan Henrique Carvalho, acrílica sobre tela , 2023
- 78 | A indústria automobilística nacional deu provas de eficiência, Revista Manchete, 20 fev. 1960. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional.
- 78 | Todos os direitos reservados.
- 78 | JK, na televisão, deu um “show” para milhões de pessoas, Revista Manchete, 28 de jan. 1961. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional.
- 78 | Todos os direitos reservados.
- 78 | Getúlio Vargas com Juscelino Kubitschek, governador de Minas Gerais, 1954. Fundo Correio da Manhã no Arquivo Nacional.
- 78 | Supremo Tribunal Federal, Brasília, 1960. Fundo Correio da Manhã no Arquivo Nacional.
- 78 | Brasília - Catedral - 1ª missa, 1957. Fundo Correio da Manhã no Arquivo Nacional.



# Legendas

- 78 | Brasília - Obras na nova capital.. Fundo Correio da Manhã no Arquivo Nacional.
- 79 | Jânio Quadros assume a presidência. Revista Manchete, 11 fev. 1961. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional. Todos os direitos reservados.
- 79 | Comícios e propaganda - Jânio Quadros - Campanha eleitoral, 1960. Fundo Correio da Manhã no Arquivo Nacional.
- 79 | Presidente Jânio da Silva Quadros fora do Palácio do Planalto: corta o cabelo, 1961. Fundo Agência Nacional / Arquivo Nacional.
- 79 | O Presidente (Jânio Quadros) cumprimenta o líder revolucionário cubano (Ernesto Guevara), Jornal Diário Carioca, 20 ago. 1961. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional.
- 79 | Jânio Quadros renunciou à presidência, Jornal Correio da Manhã, 26 ago. 1961. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional.
- 79 | Correio da Manhã - Renúncia de Jânio Quadros ( Estudantes fazem greve e protestam contra censura), 1961. Crise em torno da posse de Jango. Fundo Correio da Manhã no Arquivo Nacional.
- 80 | Trabalhadores Tributaram Grandes Homenagens ao Presidente João Goulart em Volta Redonda. Fundo Correio da Manhã no Arquivo Nacional.
- 80 | João Belchior Marques Goulart no comício da Central do Brasil, 1964. Fundo Agência Nacional / Arquivo Nacional.
- 80 | Cartazes na concentração da Praça Cristiano Ottoni (Comício da Central do Brasil), 1964. Fundo Correio da Manhã no Arquivo Nacional.
- 80 | Jango Desceu na China Pisando Tapete Vermelho. Jornal Diário de Notícias, 15 ago. 1961. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional.
- 80 | Jango: Definição Diante da Crise, Revista Manchete, 30 de nov. 1963. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional. Todos os direitos reservados.
- 81 | Da esquerda para a direita:
- 81 | Arthur da Costa e Silva - 15.03.1967 a 31.08.1969
- 81 | Emílio Garrastazu Médici - 30.10.1969 a 15.03.1974
- 81 | Ernesto Geisel - 15.03.1974 a 15.03.1979
- 81 | Humberto de Alencar Castello Branco - 15.04.1964 a 15.03.1967
- 81 | João Baptista de Oliveira Figueiredo - 15.03.1979 a 15.03.1985
- 81 | Galeria dos ex-Presidentes da República. Acervo da
- Biblioteca da Presidência da República. Palácio do Planalto.
- 82 | Sama, nanquim, aguada e colagem sobre papel, 2023
- 83 | Fotografias de Passeatas de Estudantes, 1965 - 1968, Fundo Correio da Manhã no Arquivo Nacional.
- 83 | Passeata dos Cem Mil, 1968. Fundo Correio da Manhã no Arquivo Nacional.
- 83 | Material do Comando Geral dos Trabalhadores apreendido após o Golpe de 1964. Fundo Correio da Manhã no Arquivo Nacional.
- 83 | Diretas Já, 1984, charge de Henrique de Souza Filho (Henfil).
- 84 | Foto de Luiz Eduardo Achutti
- 85 | Fotos de Antonio Scorza, Fábio Teixeira e Ração Diniz
- 86 | Wira Tini, pintura digital, 2023
- 87 | Fotos de AF Rodrigues, Antonio Scorza e Ração Diniz
- 88 | Fotos de AF Rodrigues, Ana Carolina Fernandes e Ração Diniz Diniz
- 89 | Foto de Ana Carolina Fernandes
- 90 | Carlos Lopes, pintura digital, 2023



# Créditos

## **Silvio Tendler**

Licenciado em História pela Universidade de Paris VII, na França, foi aluno de Marc Ferro na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais (EHESS), disciplina Cinema e História. Foi professor da PUC-Rio por 41 anos. Lançou mais de 80 longas, médias e curtas-metragens com forte viés histórico, social e político. Acumula as três maiores bilheterias do cinema documentário brasileiro e foi premiado em importantes festivais nacionais e internacionais.

## **José Carlos Sebe Bom Meihy**

Professor titular aposentado do Departamento de História da Universidade de São onde ministrou cursos de História Ibérica. Atualmente faz pesquisas sobre histórias de pessoas comuns e no limite da vulnerabilidade com ênfase em estudos sobre memória de transmissão oral.

## **Ana Rosa Tendler**

Bacharel em Jornalismo pela PUC-Rio e Letras pela UERJ. Fez especialização em Film & TV Bussiness pela FGV Rio. Produtora Executiva e coordenadora de lançamentos e distribuição da Caliban Cinema e Conteúdo. Parecerista credenciada pelo MINC e Ancine. Coordenadora Executiva do CINEBRASILTV e pesquisadora bolsista do ICTIM, desenvolvendo o projeto de streaming da Maricá Filmes. Produz sua primeira peça teatral: "Olga e Luis Carlos, uma história de amor".

## **Lilia Souza Diniz**

Diretora assistente na Caliban. Trabalhou em mais de 20 filmes e séries que receberam prêmios e participaram de festivais, como "Dedo na Ferida", "O Fio da Meada", "Santiago Álvarez ou O Olho do Terceiro Mundo" e "Alma Imoral". É pós-graduada em Cinema Documentário pela FGV, coordenada por Eduardo Escorel, e é jornalista formada pela PUC-Rio. Trabalhou entre 1998 e 2015 com o jornalista Alberto Dines no programa "Observatório da Imprensa", da TV Brasil, onde foi repórter e editora.

## **Diego Tavares**

Especialista em gerenciamento de projetos pela FGV, mestre em antropologia pela UFF onde atuou em diversos projetos de pesquisa. No Cinema, atua como pesquisador e na produção executiva, escrevendo e desenvolvendo projetos para cinema, TV, além de projetos culturais como mostras e exposições.

## **Ruth Freihof**

Artista plástica e artista gráfica trabalha com programação visual nas áreas de design editorial, identidade corporativa, web design, museografia e sinalização. Na música artistas como Hermeto Pascoal, Tom Jobim, Francis Hime e Mônica Salmaso, contaram com a sua criatividade na realização de capas de discos. Na área editorial fez projetos de livros como os de Frans Krajcberg entre outros.

## **Juliana Fervo**

Dona de uma identidade própria e um estilo floral cheio de curvas. começou no mundo da arte pelo Graffiti em 2003 e hoje é Artista Urbana e Visual, Ilustradora e Ativista e sempre acreditou que a cultura é super relevante.

## **Nathalia Sá Cavalcante**

É professora doutora do Departamento de Artes & Design da PUC-Rio e idealizadora e professora do curso de extensão Desenhos do Cotidiano CCE/PUC-Rio. Ilustrou livros infanto-juvenis, livros didáticos, baralho de Tarot assim como, diversas publicações.

## **Sama**

Sua produção autoral se desdobra por linguagens e dispositivos como: arte sonora, desenho, pintura, escrita, teatro, cinema e quadrinhos. Integrou exposições individuais e coletivas no Brasil e no exterior. Produziu livros, quadrinhos e zines que já foram publicados no Brasil, França e Portugal.

## **Carlos Lopes**

Jornalista, ilustrador e músico. Desde 2018, Carlos Lopes é editor da revista em quadrinhos Tupinambah, sobre história e política brasileiras.

## **Wira Tini**

Amazonense, grafiteira e muralista traz em seus trabalhos sua raiz ribeirinha e amazonense compondo incríveis trabalhos que retratam a cultura e a vivência nortista. Pioneira na cena da arte urbana no Amazonas, foi a primeira mulher a fazer um festival de grafitti focando nas mulheres na região norte.

## **Renan Henrique Carvalho**

Iniciou seus estudos artísticos no Centro de Artes Calouste Gulbenkian, onde estudou gravura e escultura com os mestres Roberto Tavares e Sandro Lucena. O artista vem crescendo gradativamente e já expôs na Galeria Meu BB- Fábrica Bhering, Galeria Gustavo Schnoor - UERJ entre outras.

## **Igor Andrade Pontes**

Pesquisador, mestre em Comunicação. Trabalhou com o Instituto Moreira Salles, atuou como técnico em preservação audiovisual no Centro Técnico Audiovisual do Ministério da Cultura. Atualmente é pesquisador na Cinemateca Brasileira.

*Curadoria:* Silvio Tendler

*Textos e Consultor de História:* José Carlos Sebe Bom Meihy

*Produção Executiva:* Ana Rosa Tendler

*Edição de Conteúdo:* Lilia Souza Diniz

*Design Gráfico:* Ruth Freihof | Passaredo Design

*Assistente de Produção Executiva:* Diego Tavares

*Pesquisa:* Igor Andrade Pontes, Lilia Souza Diiz, José Carlos Sebe Bom Meihy, José Carlos Zepka, Carol Nascimento

*Ilustrações:* Carlos Lopes, Juliana Fervo, Natalia Sá Cavalcanti, Renan Henrique Carvalho, Ruth Freihof, Sama, Pedro Poscidônio e Wira Tini

*Fotografias:* AF Rodrigues, Ana Carolina Fernandes, Antonio Scorza, Cássio Vasconcellos, Fábio Teixeira, Luiz Eduardo Achutti, Ratão Diniz

A sempre presente Fabiana Fersasi

*Montagem e edição do making off:* João Tavares

## **Equipe Caliban:**

*Produção:* Maycon Almeida

*Pós-produção:* Taynara Mello

*Assistente de pós-produção:* Lukas Hoekstra

**Todos os esforços foram feitos na tentativa de localizar os detentores dos direitos sobre as imagens e áudios deste livro. Nem sempre foi possível. Todos os direitos reservados.**

## REALIZAÇÃO

**CALIBAN**  
PRODUÇÕES CINEMATOGRAFICAS

#cultura  
#presente

## PATROCÍNIO

Secretaria de  
Cultura e Economia  
Criativa

GOVERNO DO ESTADO  
RIO DE JANEIRO